
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Fabiani Celena Trindade

**A Relação Aluno e a Escola: A Cultura como
Resgate do Prazer de Estar na Escola.**



Rio Claro
2015

FABIANI CELENA TRINDADE

**A Relação Aluno e a Escola: A Cultura como Resgate do Prazer
de Estar na Escola.**

Orientador: Professor Dr. José Euzébio de
Oliveira Souza Aragão.

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado ao Instituto de Biociências da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho”- Campus de Rio Claro, para
a obtenção do grau de Licenciada em
Pedagogia.

Rio Claro
2015

370 Trindade, Fabiani Celena
T833c A relação aluno e a escola : a cultura como resgate do
prazer de estar na escola / Fabiani Celena Trindade. - Rio
Claro, 2014
52 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia)
- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de
Rio Claro
Orientador: José Euzébio de Oliveira Souza Aragão

1. Educação. 2. Juventude. 3. Sociabilidade. 4.
Convivência. I. Título.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a DEUS, que sempre me conforta em todos os momentos de minha vida. A minha MÃE “*in memoria*”, que caso estivesse aqui teria vibrado com minha luta e vitória, mas especialmente ao meu PAI, pois foi dele que tirei forças, sustentação e apoio para chegar a este momento de alegria e superação.

Obrigado Papai, você é único.

AGRADECIMENTOS.

Agradeço a todas as pessoas que fizeram parte direta ou indiretamente deste trabalho, amigos, coordenadores, diretores, professores, funcionários e tantos outros que me ensinaram e ainda me ensinam como ser sempre uma pessoa e uma profissional melhor.

Aos meus pais, minha mãe “*in memoria*” que em espírito, nunca deixou de me iluminar neste caminho de luz que decidi seguir.

Ao meu pai, que com sua presença marcante, seu carinho, sua compreensão foi o companheiro mais que fiel, verdadeira muralha de sabedoria e amor.

Aos meus irmãos, Farida e Miguel, por nunca duvidarem que eu fosse capaz de mais e do melhor sempre, mesmo quando eu duvidava.

Aos meus sobrinhos, Isadora, Isabella e Felipe, por me mostrarem o caminho que eu deveria seguir e por estarem sempre iluminando minha vida com suas artes, juventude, risadas e alegrias.

As amigas da faculdade, pelos fantásticos anos de juventude e diversão que dividiram comigo e por aturar as neuroses de uma virginiana sistemática em ótimos trabalhos juntas.

A querida amiga Dayana por estar sempre comigo, me dando força e acreditando em meu pensamentos, as vezes “loucos”.

As amigas da José Cardoso, que apostaram em mim e em minha forma “maluquinha” de educar, obrigada também, pelos conselhos, pensamentos, “balas e pirulitos”, bons papos e muitas risadas e por acreditarmos juntas naqueles jovens.

Ao meu Orientador e amigo Professor Doutor José Euzébio de Oliveira Souza Aragão, por acreditar em mim, em meu tema, na pesquisa que realizamos juntos e por sua confiança, atenção e respeito por mim e minhas ideias.

Mas um especial agradecimento a DEUS, por colocar todas estas pessoas maravilhosa em meu caminho, sem elas esta pesquisa não existiria, nem eu.

EPÍGRAFE

Professor bom não é aquele que dá uma aula perfeita, explicando a matéria.

Professor bom é aquele que transforma a matéria em brinquedo e seduz o aluno a brincar. Depois de seduzido o aluno, não há quem o segure. (RUBEM ALVES, 1987)

RESUMO

Este trabalho coloca em pauta os problemas de sociabilidade e convivência existentes dentro da escola em busca de algumas respostas e de uma compreensão mais aprofundada sobre os motivos pelos quais alguns alunos não se sentem acolhidos na instituição, o que os afasta da convivência social e reflete negativamente em sua aprendizagem, em sua trajetória social e em seu futuro desenvolvimento profissional.

Partimos da hipótese de que o envolvimento de alunos em atividades culturais tais como cinema, música, literatura, teatro, visita a museus, etc., seja participando como ouvintes ou em oficinas, pode, através de suas várias formas, resgatar um convívio produtivo entre alunos e a instituição fazendo-os querer estar na escola, propiciando oportunidades de desenvolvimento a partir da aquisição de bens culturais, complementando a formação intelectual formal.

O trabalho visa acompanhar uma turma do 6º ano de uma escola estadual de Rio Claro, participante do Projeto de Extensão “Educação, Cultura e Inclusão Social” e verificar os efeitos do acesso aos bens culturais no desempenho escolar, nas relações com seus pares, com seus professores e com a instituição.

A pesquisa fundamentar-se-á teoricamente na Sociologia de Pierre Bourdieu e nos escritos de Juarez Dyrell sobre escola e cultura. Os dados foram coletados por meio de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e observação participante.

PALAVRAS- CHAVE: Juventude. Escola. Cultura.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. JUVENTUDE, ADOLESCÊNCIA E ESCOLA.....	12
2.1 Juventude no Brasil.....	15
3. ESCOLA, DA REPRODUÇÃO À EMANCIPAÇÃO.....	18
4. CULTURA, ARTE E EDUCAÇÃO.....	26
4.1. Cultura.....	26
4.2. Arte.....	31
5. O TRABALHO REALIZADO NA ESCOLA.....	36
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50

1. INTRODUÇÃO.

A escola faz parte do cotidiano de milhares de jovens espalhados por todo o Brasil e pelo mundo.

O que em comum estes jovens têm é que passam a maior parte de sua infância e adolescência nesta instituição, que para além de ensinar a ler, escrever e fazer contas, também é responsável em grande parte pela socialização e pela formação cultural dos jovens.

A importância da escola em nossa sociedade pode ser medida pelo tempo que nossas crianças e jovens passam em seu interior, ao menos 12 anos de suas vidas. Esta é a única instituição social de frequência obrigatória que alcança a todos e todas das novas gerações. (KLEIN, PÁTARO, 2008, p. 01)

Ao adentrarmos na questão de como formar o jovem de hoje precisamos construir uma ideia de escola, de como esta instituição interage com estes jovens na atualidade, quem são os alunos e que cultura trazem de casa e recebem na escola, para podermos fazer um esboço do indivíduo social que estamos educando.

O acesso à escola foi democratizado, mas o acesso aos conhecimentos por ela veiculados ainda é restrito, uma vez que muitos alunos e alunas não conseguem aprender, e parecem não encontrar sentido nos conteúdos ensinados. (KLEIN, PÁTARO, 2008, p. 01)

Quando entramos em uma sala de aulas e questionamos os alunos: “o que querem fazer? Onde gostariam de ter aula?” A resposta mais provável seria “gostaríamos de não ter aula ou gostaríamos de estar em qualquer lugar menos na escola”.

O que vem causando este desconforto nos jovens que gera esta insatisfação e descrença em relação à escola? Eles possuem um conhecimento superficial de que por alguma lei existente são obrigados a irem à escola, mas não compreendem o porquê, a repulsa que sentem nos traz os questionamentos que nos levaram a esta pesquisa:

- a) Porque os jovens não se interessam pelo conhecimento que a escola pode oferecer?
- b) Quais os problemas e as causas para que a escola seja considerada o pior lugar para se estar?
- c) Bens culturais, tais como filmes, pinturas, teatro, música, cinema, museus, etc., podem de alguma forma, modificar esta situação?

d) Por que os jovens das classes populares não têm acesso às mesmas oportunidades que os jovens de classe alta?

e) A escola transformou-se em uma “ferramenta” do sistema que tende a ratificar as diferenças sociais, mesmo quando dá a ilusão de valorizar a igualdade?

[...] a escola, na perspectiva dele, não seria uma instituição imparcial que, simplesmente, seleciona os mais talentosos a partir de critérios objetivos. Bourdieu questiona frontalmente a neutralidade da escola e do conhecimento escolar, argumentando que o que essa instituição representa e cobra dos alunos são, basicamente, os gostos, as crenças, as posturas e os valores dos grupos dominantes, dissimuladamente apresentados como cultura universal. A escola teria, assim, um papel ativo – ao definir seu currículo, seus métodos de ensino e suas formas de avaliação – no processo social de reprodução das desigualdades sociais. Mais do que isso, ela cumpriria o papel fundamental de legitimação dessas desigualdades, ao dissimular as bases sociais destas, convertendo-as em diferenças acadêmicas e cognitivas, relacionadas aos méritos e dons individuais. (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2002, p.18-19)

Este trabalho baseia-se em uma pesquisa no âmbito do projeto “Educação, Cultura e Inclusão Social”, na qual a pesquisadora participou como bolsista. Contava a pesquisa com aproximadamente 30 alunos, cujas idades variavam entre 12 e 16 anos que estudam em Escola Pública Estadual.

A pesquisa utilizará de uma abordagem qualitativa e será realizado em uma Escola Estadual na cidade de Rio Claro, interior de São Paulo, em uma classe do ciclo II do ensino fundamental (6º ano).

Inicialmente a pesquisa será fundamentada em pesquisa bibliográfica, utilizando principalmente a sociologia de Pierre Bourdieu e os escritos de Juarez Dyrell sobre Juventude, Cultura e Educação.

Também serão observadas e analisadas falas e atitudes dos jovens, através de participação em aulas da pesquisadora, os dados e trabalhos produzidos pelos alunos, tais como formulários de respostas, redações, desenhos e relatos reunidos de trabalhos desenvolvidos e colhidos dentro e fora da escola.

Este trabalho propõe-se a investigar como principalmente os trabalhos com textos literários, filmes, músicas, oficinas, vídeos e passeios a museus, etc., interferem no aprendizado dos jovens das classes populares, trazendo a eles benefícios de conhecimentos que até então somente fazia parte das classes dominantes, trabalhando em conjunto com a cultura disponível na própria escola.

A noção de capital cultural impôs-se, primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o “sucesso escolar”, ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar, à distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classe. Este ponto de partida implica em uma ruptura com os pressupostos inerentes, tanto à visão comum que considera o sucesso ou fracasso escolar como efeito das “aptidões” naturais, quanto às teorias do “capital humano”. (BOURDIEU, 2007, p. 73)

Verificará ainda se o oferecimento de bens culturais, tais como textos literários, filmes, músicas, oficinas, vídeos e museus, etc., auxilia na aquisição de conhecimento por parte dos alunos com a utilização destes bens culturais e com isso possamos ampliar a rede de conhecimento de nossos jovens, principalmente os de classes populares.

Para a apresentação desse trabalho, iniciamos com as conceituações utilizando de leituras das bibliografias previstas e finalizamos com os trabalhos realizados durante o projeto.

Este trabalho está estruturado em quatro partes.

No capítulo 2 dialogo com autores como Silva, Lopez (2009), Castro, Abramovay (2009), Freitas (2004), Tomazetti (2011), mas principalmente Dyrell (2002 e 2011) para construção de uma conceituação do que seria juventude e adolescência nos dias atuais e a juventude no Brasil, como os jovens pensam atualmente e como interagem dentro e com a escola.

O capítulo 3 trata-se de uma descrição de como a escola se apresentou em nossa visão de acordo com a pesquisa bibliográfica. Utilizamos como subsídios vários teóricos, mas principalmente os escritos de Bourdieu (2007) sobre a escola e sua forma de reprodução.

No capítulo 4 revelamos a pesquisa realizada sobre cultura e arte como formas de educação, seus conceitos e a como elas facilitam o trabalhar com os jovens.

No capítulo 5 partimos para a descrição e análise dos trabalhos realizados no projeto que está se desenvolvendo em uma Escola Estadual na cidade de Rio Claro na qual nos utilizamos da cultura e da arte como material pedagógico de ensino para facilitar a aprendizagem dos jovens.

2. JUVENTUDE, ADOLESCÊNCIA E ESCOLA.

Em uma pesquisa com jovens precisamos em um primeiro momento apresentar uma conceituação do que seria ser jovem e adolescente no Brasil na atualidade.

Adolescência e juventude são condições sociais expressadas por uma faixa etária determinada. Embora se confundam e sejam utilizados como sinônimos são conceitos diferentes.

É importante esclarecer que, no Brasil, há um uso concomitante de dois termos: adolescência e juventude. Suas semelhanças e diferenças nem sempre são esclarecidas e suas concepções ora se superpõem, ora constituem campos distintos, mas complementares, ora traduzem uma disputa por abordagens distintas. O termo adolescência parece estar mais vinculado às teorias psicológicas, considerando o indivíduo como ser psíquico, pautado pela realidade que constrói e por sua experiência subjetiva. Ao passo que o termo juventude parece ser privilegiado no campo das teorias sociológicas e históricas, no qual a leitura do coletivo prevalece ao longo da história. (SILVA, LOPEZ, 2009, p.88)

Os termos “juventude” e “adolescência” são usados como sendo sinônimos, se analisados profundamente perceberemos não serem, porém a existência de uma relação homogênea entre os dois nos permite estudá-los em conjunto, como não nos aprofundaremos nas discussões existentes entre as abordagens diferentes dos conceitos em questão, utilizaremos a “juventude” por seu aspecto que privilegia mais as teorias que abrangem o campo social, mas em determinados momentos adentraremos ao campo psicológico que nos vincularia ao conceito “adolescência”, permitindo uma sobreposição entre os dois e empregaremos em nosso trabalho um mesmo sentido para ambos.

O interstício entre ambos os estágios é o que se costuma conceber como o campo de estudo e conceitualização da adolescência e da juventude, com delimitações não completamente claras em ambas, que em muitos aspectos se sobrepõem, e dependendo dos enfoques utilizados para estes efeitos. (FREITAS, 2004, p.11)

Podemos nos aproximar de uma definição de juventude partindo de alguns pontos pré-determinados como: Faixa etária, gostos musicais, filmes, roupas, categoria social, etc.

Quando interrogados sobre o que é ser jovem, de acordo com Castro e Abramovay (2009), os jovens tendem a responder com os valores que representam a juventude para eles:

Nesse sentido, os itens relativos à linguagem e à música (37,7%), seguido do jeito de vestir e aparência (34,7%) e de ser questionador/transgressor/ousado (30,5%) [...] ser criativo e empreendedor (27,1%), à consciência e responsabilidade (25,4%), a buscar adrenalina e correr riscos (23,7%), à insegurança pessoal e social (22,3%), à

falta de perspectiva (20,4%) [...] ser instável emocionalmente (8,3%) e ser egoísta (6,0%) (CASTRO, ABRAMOVAY, 2009, p. 217).

A partir dos argumentos acima podemos observar que os jovens criam uma ligação muito intrínseca com a linguagem e os simbolismos que os tornam um conjunto de “jovens”, o que os aproxima ou afasta, gerando grupos que se juntam na formação de um único agregado por gostos e atitudes semelhantes tornando-se então “painéis, turmas, tribos, etc.”, mostrando-nos que não devemos falar de juventude e sim termos a noção de “juventudes” que Dyrell (2011), assim se coloca:

Acredito que a noção de juventude deve ser entendida, ao mesmo tempo, como uma condição social e uma representação. De um lado, há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo em determinada faixa etária, na qual completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas. Mas a forma como cada sociedade e, no seu interior, cada grupo social vai lidar e representar esse momento é muito variada. Não existe uma juventude, mas sim juventudes, no plural, enfatizando, assim, a diversidade de modos de ser jovem na nossa sociedade. (DYRELL, 2011, p.01)

O que conhecemos como juventude hoje, basicamente foi construída recebendo contribuição do processo de escolarização, quando então os jovens foram separados das crianças e dos adultos formando seu próprio grupo, mais homogêneo, construindo entre eles uma cultura própria agregada a suas idéias e comportamentos, gostos e similaridades.

A construção da ideia de juventude foi influenciada pelo processo de escolarização. A preocupação com a formação das novas gerações permitiu que parte da população jovem se constituísse como grupo com características próprias. A escolarização afastou os jovens do convívio com as crianças e gerações mais velhas, contribuindo para a construção de um espaço para uma educação específica. Constata-se também que, inicialmente, um grupo muito restrito teve direito de frequentar a escola, estruturada de modo a atender às necessidades desse grupo. Nas últimas décadas do século XX, houve um intenso processo de ampliação do ensino, com o objetivo de estender o atendimento a outros grupos da população, como forma de suprir as demandas de uma sociedade em processo de expansão.. (TOMAZETTI et. al., 2011, p.80)

A maioria dos jovens na atualidade em suas relações estudantis apresenta um apego aos símbolos que os definem, como por exemplo, a roupas, músicas, esportes, etc., e se reúnem em torno destes diferentes símbolos em tribos (grupos), representativas de seus pensamentos e comportamentos que os classificam em um grupo uniforme, segundo Dyrell (2011), “... se queremos compreender os jovens com os quais atuamos, antes de nada é necessário conhecê-los em sua realidade, descobrindo os diferentes modos pelos quais eles constroem a sua experiência”.

[...] os jovens vêm lançando mão da dimensão simbólica como a principal e mais visível forma de comunicação, expressa nos comportamentos e atitudes pelos quais se posicionam diante de si mesmos e da sociedade. É possível constatar esse fenômeno nas ruas, nas escolas ou nos espaços de agregação juvenil, onde os jovens se reúnem em torno de diferentes expressões culturais, como a música, a dança, o teatro, entre outras, e tornam visíveis, através do corpo, das roupas e de comportamentos próprios, as diferentes formas de se expressar e de se colocar diante do mundo. (DYRELL, 2002, p119.)

A juventude está em constante construção a caminho da maturidade, a adolescência acontece para os jovens principalmente no terreno da escola onde estes passam a maior parte de seu dia, onde ocorre parte de suas mudanças tanto corporais como as redefinições do urbano, territorial e noção do individual é onde refaz e fixa valores e códigos para sua própria existência, Para Groppo (2000), “... a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos”.

A vivência da juventude, desde a adolescência, tende a ser caracterizada por experimentações em todas as dimensões da vida subjetiva e social. O jovem torna-se capaz de refletir e de se ver como um indivíduo que participa da sociedade, recebendo e exercendo influências, fazendo deste o momento por excelência do exercício de inserção social. Esse período pode ser crucial para que ele se desenvolva plenamente como adulto e cidadão, sendo necessários tempos, espaços e relações de qualidade que possibilitem a cada um experimentar e desenvolver suas potencialidades. (DYRELL, 2011, p.01)

Partindo desta ideia de juventude podemos perceber a intrínseca ligação do jovem com as várias expressões da cultura.

Na adolescência o jovem busca no descobrimento sua identificação pessoal e a segurança que o grupo de “iguais/tribo” são capazes de lhes proporcionar.

Nesta sociedade em que estão anexados, os jovens vivenciam uma série de conflitos e questionamentos sobre a sociedade, as transformações tanto biológicas quanto sociais que ocorrem em suas vidas, buscam respostas e querem a diversão como um meio para buscar estas respostas, possuem desejos e estão em construção tanto pessoal quanto social.

É nesse processo, permeado de descobertas, emoções, ambivalências e conflitos, que o jovem se defronta com perguntas como: “quem sou eu?”, “para onde vou?”, “qual rumo devo dar à minha vida?”. Questões cruciais que remetem à identidade e ao projeto de vida, duas dimensões que aparecem interligadas e são decisivas no processo de amadurecimento. (DYRELL, 2011, p.02)

Esta interação ocorre na esfera do social em contato com o grupo, a escola, as culturas a que eles se encontram expostos tomando consciência de sua realidade enquanto indivíduo, mediante sua relação com o outro, com a cultura e meio a que estão inseridos.

Esta inclusão e a forma como os jovens compreendem sua realidade e a estrutura social e cultural que estão inseridos para a formação e construção de suas identidades de uma forma positiva.

É uma interação social, o que aponta para a importância do pertencimento grupal e das suas relações solidárias para o reforço e garantia da identidade individual. Fica evidente a importância do grupo de amigos, das esferas culturais, das atividades de lazer, da escola, entre outros, como espaços que podem contribuir na construção de identidades positivas. (DYRELL, 2011, p.02)

Na subseção seguinte buscaremos mostrar a juventude no Brasil e demonstrar como ela comporta-se frente aos desafios de ser jovem.

2.1 Juventude no Brasil.

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, em seu art. 2º estabelece que: “[...] é adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”. Já o termo jovem costuma ser utilizado para designar a pessoa entre 15 e 24 anos, seguindo uma tendência internacional, pois a Emenda Constitucional nº 65, de 13 de julho de 2010 não estipulou faixa etária, mas é possível ter como vigente os direitos previstos a todas as pessoas compreendidas entre 15 e 24 anos, porque a ONU indicou esta faixa etária como um conceito médio de juventude mundial.

O Brasil segundo estatísticas do Instituto de Pesquisas Avançadas (Ipea) em 2010 é um país considerado jovem, onde já em 2000 as crianças e jovens representavam mais da metade de nossa população.

A caracterização de um país jovem pelos pesquisadores ocorreu pela proporção de pessoas com menos de 15 anos na sociedade. Em 1920, era de 44,3% da população e as pessoas na faixa etária de 15 a 29 anos representava 28,2% da população. A partir de 1970, por conta da queda da fecundidade, a proporção começou a diminuir. Em 2000, as crianças e jovens representavam cerca de 58% da população. (G1, 2010, p. 1)

O jovem brasileiro das camadas populares passa por vários processos de transformações com certas dificuldades impostas pelo sistema social em que vive, muitas vezes dependendo somente de si mesmo para a sobrevivência.

Podemos constatar que a vivência da juventude nas camadas populares é dura e difícil: os jovens enfrentam desafios consideráveis. Ao lado da sua condição como jovens, alia-se a da pobreza, numa dupla condição que interfere diretamente na trajetória de vida e nas possibilidades e sentidos que assumem a vivência juvenil. Um grande desafio cotidiano é a garantia da própria sobrevivência, numa tensão constante entre a busca de gratificação imediata e um possível projeto de futuro. (DYRELL, 2007, p. 1108-1109)

Grande parcela destes jovens brasileiros somente tem a chance de vivenciar sua condição juvenil graças a seus próprios esforços de onde tiram a renda necessária para seu custeio. São jovens que, para se divertir, namorar e consumir dependem de pequenos serviços que gerem renda financeira, pois suas condições sociais e familiares os permite apenas o considerado essencial à sua sobrevivência (casa, comida e alimentação), Segundo Dyrell (2007): “No Brasil, a juventude não pode ser caracterizada pela moratória em relação ao trabalho, como é comum nos países europeus. Ao contrário, para grande parcela de jovens, a condição juvenil só é vivenciada porque trabalham [...]”.

Praticamente, todos eles começaram a trabalhar muito cedo, em ocupações típicas de adolescentes pobres, tais como lavar carros e ser office-boy. Além de ser uma forma de contribuir em casa, o trabalho era a condição para a vivência da condição juvenil [...]

Como evidenciam inúmeras pesquisas, o trabalho juvenil não pode ser compreendido apenas pelo contexto de pobreza em que vivem os jovens. Aparece também como condição para maior autonomia e liberdade em relação à família, pela possibilidade do consumo de bens e pela garantia de um mínimo de lazer, enfim, é o trabalho que possibilita a vivência da própria condição juvenil. Mas o que podia ser visto como uma etapa inicial, tornou-se uma constante em suas trajetórias no mercado de trabalho. Nenhum deles conseguiu se qualificar em alguma profissão e todos sobrevivem ainda de bicos e empregos precários. (DYRELL, 2002, p. 121-122)

Para esses jovens a escola e o trabalho fazem parte de seu cotidiano diferente de outros países, principalmente europeus ou de “primeiro mundo”, onde trabalhar é um ato adiado, o que permite ao jovem uma condição juvenil diferente do jovem brasileiro que passa por incertezas, inseguranças e dificuldades durante uma fase de sua vida que em tese deveria ser utilizada para sua formação.

[...] Mas isso não significa, necessariamente, o abandono da escola, apesar de influenciar no seu percurso escolar. As relações entre o trabalho e o estudo são variadas e complexas e não se esgotam na oposição entre os termos. Para os jovens, a escola e o trabalho são projetos que se superpõem ou poderão sofrer ênfases diversas, de acordo com o momento do ciclo de vida e as condições sociais que lhes permitam viver a condição juvenil. (DYRELL, 2007, p. 1109)

É sobre este jovem brasileiro de classe desfavorecida que nos debruçaremos neste trabalho e para tanto, privilegiaremos então as instâncias da escola e da sala de aula.

Este jovem brasileiro comporta-se com força e resistência, mas com muitos problemas relativos principalmente a educação, pois são eles os menos contemplados pela própria escola, como se ela não aceitasse a incumbência de forma-los e prepara-los para sua inserção social.

Podemos entender a postura desses jovens como uma recusa das condições que a sociedade lhes oferece para sua inserção social. Por intermédio da música, experimentam a possibilidade de uma atividade com sentido e não querem aceitar a sujeição às alternativas que lhes são postas. Dessa forma, o trabalho não constitui fonte de expressividade. Reduz-se a uma obrigação necessária para uma sobrevivência mínima, perdendo os elementos de uma formação humana que derivavam de uma cultura que se organizava em torno do trabalho.

Esses jovens são exatamente os menos contemplados pela escola. A maioria deles foi excluída da escola nos mais variados estágios e, grande parte, antes de completar o ensino fundamental, com uma trajetória marcada por repetências, evasões esporádicas e retornos, até a exclusão definitiva. Apenas quatro jovens continuam a estudar, alguns no ensino fundamental e outros no ensino médio, sendo possível perceber que os significados que atribuem a essa experiência é bem diversa. Para aqueles que ainda estudam, a escola aparece como uma instituição distante e pouco significativa (DYRELL, 2002, p.122)

Em seguida descreveremos a percepção que tivemos da escola e a forma como percebemos esta em relação aos jovens.

3. ESCOLA, DA REPRODUÇÃO À EMANCIPAÇÃO.

A escola instituição que acolhe o jovem ao longo dos séculos, aquela que foi construindo conhecimentos e saberes formais e não formais e estes foram sendo passados de geração em geração através da educação, como uma forma de não se perder todo o aprendizado desenvolvido por nossos antepassados é a representante da transmissão do viver e dos códigos sociais. A escola é a estrutura que permite a perpetuação destes conhecimentos acumulados.

[...] a escola era uma continuação da família em tudo o que se referia à socialização moral e aos estilos de vida. A escola formava a criança segundo os aspectos e valores que fortaleciam a coesão social, como a adesão à nação, aceitação da disciplina e dos códigos de conduta, etc. Nesse processo, a criança passava de uma instituição de coesão, a família, para outra, a escola, na qual vigoravam as mesmas categorias de seqüência e hierarquia. Para dar conta de sua função, a escola impunha modelos, oferecia pacotes de soluções pré-fabricadas, estimulava a obediência e a memorização com ênfase na linguagem escrita. (LABRUNIE, 2004, p.33)

Entretanto, a escola não pode ser compreendida fora de um contexto histórico- social e econômico em que está inserida, sendo assim, pode se dizer que o papel que vem desempenhando no decorrer dos tempos, além de mantenedora e propagadora dos saberes acumulados ao longo das gerações é o de atender, predominantemente, aos interesses das classes dominantes, ajudando na reprodução da ordem estabelecida e mantendo a estrutura para que não haja modificações consideráveis do que foi ratificado pelo sistema implantado.

Assim, a melhor maneira de provar em que medida a realidade de uma sociedade “democrática” está de acordo com seus ideais não consistiria em medir as chances de acesso aos instrumentos institucionalizados de ascensão social e de salvação cultural que ela concede aos indivíduos das diferentes classes sociais? Somos levados, então, a reconhecer a “rigidez” extrema de uma ordem social que autoriza as classes sociais mais favorecidas a monopolizar a utilização da instituição escolar, detentora, como diz Max Weber, do monopólio da manipulação dos bens culturais e dos signos institucionais da salvação cultural. (BOURDIEU, 2007, p.64)

Precisamos, portanto, repensar esta ordem estabelecida de forma a abolir ou modificar arestas desta estrutura que já não se prestam ao auxílio do ensino.

É claro efetivamente, que o universo dos estabelecimentos escolares e das populações correspondentes constituem, de fato, um *continuum*, do qual a percepção comum apreende apenas os dois extremos: por um lado os estabelecimentos improvisados, cuja multiplicação fez-se, de maneira precipitada, nas periferias desafortunadas para acolher populações de alunos cada vez mais numerosos e mais desprovidos do ponto de vista cultural e que deixaram de ter alguma coisa a ver com o liceu, tal como ele se perpetuou até os anos 50; por outro, os estabelecimentos altamente preservados, onde os alunos oriundos de “boas famílias” podem seguir,

ainda hoje, uma trajetória escolar que não é radicalmente diferente daquela que foi seguida pelos pais ou avós. (BOURDIEU, 2007, p.219)

Perpetuada esta estrutura ao longo da história é natural que se compreenda a escola como um local privilegiado, e o foi, durante um longo período, mas atualmente é vista como uma obrigatoriedade sem a qual não se pode “viver”, ou melhor, “sobreviver” nos dias de hoje, pois, depende-se de um capital acumulado ao longo da vida para se almejar alcançar um determinado status social. Mas a que status estamos nos referindo?

Em tese seria o de que a escola é capaz de modificar socialmente o modo de vida de um determinado indivíduo, concedendo a este uma mobilidade social que lhe permitiria ascender na escala social. Esta ideologia foi construída de forma a alimentar a ideia de igualdade entre as classes, ou pelo menos de velar a realidade social a que a maior parte de nossos jovens vivencia hoje.

É provavelmente por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora”, quando ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural. (BOURDIEU, 2007, p.41)

Ou seja, estamos falando daquele status que se pode mudar de condições sociais pré-estabelecidas ao longo de um histórico familiar, por exemplo, filhos de agricultores que estudando tornam-se médicos, não que excepcionalmente isto não ocorra, mas que todos os filhos de lavradores tivessem a oportunidade de tornarem-se médicos se assim o quisessem.

O sucesso excepcional de alguns indivíduos que escapam ao destino coletivo dá uma aparência de legitimação à seleção escolar, e dá crédito ao mito da escola libertadora junto àqueles próprios indivíduos que ela eliminou, fazendo crer que o sucesso é uma simples questão de trabalho e de dons. Enfim, aqueles que a escola “libertou”, mestres ou professores, colocam sua fé na escola libertadora a serviço da escola conservadora, que deve ao mito da escola libertadora uma parte de seu poder de conservação. Assim o sistema escolar pode, por sua lógica própria, servir de perpetuação dos privilégios culturais sem que os privilegiados tenham de se servir dele. Conferindo às desigualdades culturais uma sanção formalmente conforme aos ideais democráticos, ele fornece a melhor justificativa para essas desigualdades. (BOURDIEU, 2007, p.59)

Para Bourdieu (2007) essa opção raramente é alcançada, segundo seus estudos ele nos esclarece:

Um jovem da camada superior tem oitenta vezes mais chances de entrar na Universidade que o filho de um assalariado agrícola e quarenta vezes mais que um

filho de operário, e suas chances são, ainda, duas vezes superiores às das de um jovem de classe média. É digno de nota o fato de que as instituições de ensino mais elevadas tenham também o recrutamento mais aristocrático [...] (BOURDIEU, 2007, p.41)

Com estas colocações postas, podemos compreender que a escola tornou-se uma estrutura de manutenção da hierarquia social implantada, pois é certo que somos compostos de uma herança cultural que nos torna o indivíduo que somos através dos conhecimentos que nos são transmitidos pela família, sociedade e escola. Segundo Bourdieu (2007), “A herança cultural, que difere sob os dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar, e consequentemente, pelas taxas de êxito”.

Os alunos de classes baixas chegam à escola com uma defasagem natural, devido ao fato de receberem implicitamente uma herança cultural advinda da família que em sua maioria também não receberam uma herança cultural rica e junto a isso esta mesma família apresenta incertezas e desconfianças em relação à escola.

Na realidade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. (BOURDIEU, 2007, p. 41-42).

Se esta escola não nos transmite determinados saberes de ordem cultural, nos coloca em patamar de inferioridade ainda maior em relação aos outros indivíduos que dispõem destes conhecimentos, assim sendo, vemos na escola a perpetuação de um pensamento que prega a imobilidade social, pois para alguns existem camadas muito bem definidas, as das elites econômicas que vão à escola, mas que não precisam investir tanto na escolarização dos filhos e as classes média e baixa que necessitam somente do conhecimento técnico necessário para trabalhar e que por uma seleção cultural natural é onde se encaixam.

As crianças oriundas dos meios mais favorecidos não devem ao seu meio somente os hábitos e treinamentos diretamente utilizáveis nas tarefas escolares, e a vantagem mais importante não é aquela que retiram da ajuda direta que seus pais lhes possam dar. Elas herdam também saberes (e um “savoir- faire”), gostos e um “bom gosto”B, cuja rentabilidade escolar é tanto maior quanto mais freqüentemente esses imponderáveis da atitude são atribuídos ao dom. A cultura “livre” condição implícita do êxito em certas carreiras escolares, é muito desigualmente repartida entre os estudantes universitários originários das diferentes classes sociais e, **a fortiori**, entre os de liceu ou os de colégios, pois as desigualdades de seleção e a ação homogeneizante da escola não fizeram senão reduzir as diferenças. O privilégio cultural torna-se patente quando se trata da familiaridade com obras de arte, a qual só pode advir da freqüência regular ao teatro, ao museu ou a concertos (freqüência que não é organizada pela escola, ou o é somente de maneira esporádica). Em todos os domínios da cultura, teatro, música, pintura, jazz, cinema, os conhecimentos dos

estudantes são tão mais ricos e extensa quanto mais elevada é sua origem social. (BOURDIEU, 2007, p.45)

Precisamos acreditar na ideia de uma escola única, humana e democrática que permita aos alunos contribuir com seus pensamentos e ideias para a construção das aulas e de seu dia a dia na escola. Gramsci (1981) nos traz sua ideia de solução para a escola quando diz:

A crise terá uma solução que, racionalmente, deveria seguir esta linha: escola única inicial de cultura geral, humanista, formativa, que equilibre equanimemente o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente, industrialmente) e o desenvolvimento das capacidades de trabalho intelectual. Deste tipo de escola única, através de repetidas experiências de orientação profissional, passar-se-á a uma das escolas especializadas ou ao trabalho produtivo. (GRAMSCI, 1981, p.118)

Para que isso ocorra devemos acreditar que o que está presente pode ser modificado em relação à estrutura escolar. Hoje muito se culpa a escola pelos problemas sociais que os jovens brasileiros aparentam.

Seria então a escola responsável por todos nossos problemas sociais? Antes assim o fosse, seria fácil corrigi-los e nos tornarmos uma sociedade entendida como perfeita, com isso não queremos justificar os problemas dentro da escola, mas mostrar que devemos juntos, professores, sociedade e família trabalhar para transformar a escola na instituição que almejamos com os meios de que dispomos.

[...]o importante é perceber que devemos estudar as escolas em sua realidade, como elas são, sem julgamentos *a priori* de valor e, principalmente, buscando a compreensão de que o que nela se faz e se cria precisa ser visto como uma saída possível, naquele contexto, encontrada pelos sujeitos que nela trabalham, estudam e vão levar seus filhos. (ALVES, 2003, p.65)

Sendo a escola local privilegiado que está direcionado à apropriação do conhecimento e estando intrinsecamente ligada a cultura produzida é local de disseminação de conhecimento, mas não é o único.

Nos dias atuais, várias são as fontes em que se pode utilizar como forma de produção de conhecimento, porque então não utilizar estas outras fontes e coloca-las ao dispor do professor para esta apropriação, muitas dessas ferramentas podem e devem ser levadas até a escola.

Para Setúbal (2011), “A abertura da escola à cultura de seu território, a escolha de uma grade curricular que valorize a pluralidade e a diversidade cultural local e o intercâmbio da

escola com produções e produtores de cultura na sociedade são alguns caminhos para unir educação e cultura”.

A escola deve ser formadora em todos os sentidos, não deveria ser discriminadora, principalmente por ser este o local onde os jovens passam a maior parte de seus dias por longos períodos.

Todas as transformações que os jovens vivenciam ocorrem no decorrer de sua vida escolar, ao lado dos professores, dos amigos, dos funcionários da escola que são veículos de um aprendizado que não está no currículo e que são comparados com os valores trazidos de casa e os dos colegas.

[...] processo educativo escolar recoloca a cada instante a reprodução do velho e a possibilidade da construção do novo, e nenhum dos lados pode antecipar uma vitória completa e definitiva. Esta abordagem permite ampliar a análise educacional, na medida em que busca apreender os processos reais, cotidianos, que ocorrem no interior da escola, ao mesmo tempo que resgata o papel ativo dos sujeitos, na vida social e escolar. (DYRELL, 2001, p.137).

A escola para os jovens é um local que permite o exercício da vivência e da convivência. É nesse território que ocorrem às relações de modo a formar o questionamento de valores por parte destes adolescentes para que como geradora de questionamentos e pensamentos a escola consiga formar adultos capazes de buscar suas próprias respostas, porém, segundo Dyrell (2001).

A escola é vista como uma instituição única, com os mesmos sentidos e objetivos, tendo como função garantir a todos o acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente acumulados pela sociedade. Tais conhecimentos, porém, são reduzidos a produtos, resultados e conclusões, sem se levar em conta o valor determinante dos processos. Materializado nos programas e livros didáticos, o conhecimento escolar se toma "objeto", "coisa" a ser transmitida. (DYRELL, 2001, p.139)

Deste universo o jovem em teoria obterá um conjunto de conhecimentos pedagógicos e extracurricular, deveria ser o espaço de construção e partilha de conhecimento sobre a vida, mas o que se vê atualmente é o afastamento do jovem em relação à escola.

[...] uma mudança do eixo da reflexão, passando das instituições educativas para os sujeitos jovens, onde é a escola que tem de ser repensada para responder aos desafios que a juventude nos coloca. Quando o ser humano passa a se colocar novas interrogações, a pedagogia e a escola também têm de se interrogar de forma diferente. Nesse sentido, cabe questionar em que medida a escola “faz” a juventude, privilegiando a reflexão sobre as tensões e ambiguidades vivenciadas pelo jovem, ao se constituir como aluno num cotidiano escolar que não leva em conta a sua condição juvenil. (DYRELL, 2007, p.1107)

No mundo em que vivemos existem inúmeras possibilidades de apropriação do conhecimento, internet, televisão, telefones conectados a todo o momento, conexões, que fazem com que o conhecimento seja mediado não somente pelo professor, mas também por outros meios.

Segundo Bicudo (1999), os processos de comunicação e interatividade são considerados sempre como vantajosos nos processos educativos assistidos pelo computador, ou melhor, que se utilizam deste meio para tal. Os sistemas multimídia são anunciados como interativos, se diz que com os novos programas o usuário deixa de ser um receptor passivo, adquirindo a faculdade de decidir quais informações quer receber a cada momento, uma vez que pela não linearidade da constituição das informações nesse tipo de material. Assim o processo de ensino aprendizagem passa a ser mediado não somente pela figura do professor, mas também por outras vias. (ANDRADE, 2011, p.11)

Estas ferramentas têm que ser apropriadas pela escola e utilizadas de forma a direcionar o conhecimento, afinal a escola é um local privilegiado à apropriação do conhecimento.

Vale dizer que, embora a escola seja o local privilegiado da apropriação do conhecimento, ela não é o único na sociedade. Em grandes cidades, como São Paulo, temos vários locais de acesso a conhecimento. Existe, ainda, todo o conhecimento que pode vir por meio da internet e de todas as tecnologias hoje disponíveis, assim como de equipamentos e projetos culturais conduzidos por organizações não governamentais. (SETÚBAL, 2011, p.01)

Com todo este saber a disposição a escola passou a ser apenas uma obrigação necessária ligada diretamente ao mercado de trabalho, onde sem um diploma não se consegue um bom emprego.

A escola se realiza como uma provação, uma “chatice necessária” para um credenciamento que tem um peso relativo no mercado de trabalho. Já para os outros, experiência escolar carrega um sentido negativo, contribuindo para reproduzi-los na condição de subalternos [...] (DYRELL, 2002, p. 123)

Temos a necessidade de modificar o pensamento estático e antiquado em que a escola se encontra, onde ela ainda pensa nos alunos como sendo pequenos “robôs” a serem programados todos igualmente, onde se não agem iguais uns aos outros, se demoram mais a apreender um determinado assunto é indicio de problemas de aprendizagem, um comparativo infeliz tentar homogeneizar os indivíduos que chegam à instituição com “bagagens” culturais, sociais e familiares diversas, portanto:

Tudo na cultura escolar parece indicar que a escola pressupõe que todos os alunos apreendem da mesma maneira, ao mesmo tempo, no mesmo ritmo o conhecimento

considerado universal, supostamente neutro. “Ela tem dificuldade em aceitar que estes sujeitos que chegam a ela vêm com identidades formadas a partir de contextos e experiências que muitas vezes se chocam com a tradição escolar, incluindo uma extensa relação com os meios de comunicação e informação.” (LABRUNIE, 2004, p.41)

A escola reluta em perceber as mudanças que ocorreram ao longo dos anos e continua mantendo a tradicional hierarquização dos saberes e tempos escolares e esquece-se que dentro dela é também onde os sujeitos que nela entram são constituídos por uma bagagem identitária anterior vinda da sociedade e da família e que possuem uma natureza própria que agregada ao que lhes é ensinado na escola moldam suas identidades futuras.

[...] no âmbito das discussões sobre cultura na escola, percebe-se que esta instituição tem dificuldade de trabalhar com a diversidade de tempos, ritmos, valores, identidades e culturas. Ao que parece, ela não consegue se desvencilhar da hierarquização dos saberes e tempos escolares, dos conteúdos ditos essenciais na formação humana, ou seja, do currículo como um grande arcabouço que permeia a escola desde sua formação e que prioriza uma universalização dos saberes dominantes. Esquece-se de que nesse espaço situam-se sujeitos com identidades próprias e múltiplas em processo de construção. (LABRUNIE, 2004, p.36)

Necessitamos fornecer aos nossos jovens materiais tais que os permita verem na escola um local para se querer estar e onde suas opiniões do mundo são levadas em consideração para a construção de uma sociedade melhor e de indivíduos mais críticos formando uma estrutura sólida que só se constrói tendo a educação como alicerce.

Dentro deste alicerce, vemos a ligação entre a escola e a cultura como uma relação simbiótica importante para a construção desta escola que almejamos e que recebe aos jovens e lhes permita uma real observação e crítica do mundo que o cerca, em uma tentativa de diminuir um pouco o abismo que existe entre jovens pobres e a sociedade que o forma.

Se partirmos da ideia de que a escola é um espaço de interações, vivo e cheio de significados e ressignificações, isso nos leva a perceber que a cultura em si faz parte desse espaço, pois a própria escola cria cultura.

“[...] o próprio papel atribuído à educação acabou transformando a pedagogia – enquanto campo dos saberes – e a escola – enquanto instituição – em arenas privilegiadas, onde se dão violentos choques teóricos e práticos em torno de infinitas questões culturais”. Veiga-Neto (2003)

Contudo, a escola vem a ser uma estrutura dinâmica e flexível, que quando bem trabalhada e estruturada permite uma mudança social. Sendo esta o local adequado para direcionar todo tipo de aprendizagem. Precisamos atualizá-la, aproximá-la das expressões

culturais e dos jovens. Precisam ver nela um meio para um fim e que este fim seja transformador de opiniões e modificador de atitudes.

4. CULTURA, ARTE E EDUCAÇÃO.

Ao abordarmos os temas cultura e arte temos que ter em mente que não são sinônimos que se completam. Podemos sim compreender que a arte esta ligada diretamente as várias expressões culturais.

A cultura é algo muito mais amplo, é tudo que a humanidade produziu até hoje em todas as áreas, culinária, vestimenta, religião, máquinas e produtos, etc... A arte é apenas uma expressão existente dentro da cultura, mas sem dúvida uma parcela muito importante.

Assim, mesmo sem possuímos uma definição clara e lógica do conceito, somos capazes de identificar algumas produções da cultura em que vivemos como sendo "arte" (a palavra cultura é empregada não no sentido de um aprimoramento individual do espírito, mas do "conjunto complexo dos padrões de comportamento, das crenças, instituições e outros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade" [...]. (COLI, 1995, p. 7)

4.1. Cultura.

Cultura é um conceito amplo e complexo, diz respeito a um povo e a humanidade. Fala sobre a evolução da humanidade e de como o homem vem transformando o mundo e o conhecimento ao logo desta evolução.

Cultura é uma preocupação contemporânea, bem viva nos tempos atuais. É uma preocupação em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro. O desenvolvimento da humanidade está marcado por contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social, de se apropriar dos recursos naturais e transformá-los, de conceber a realidade e expressá-la. A história registra com abundância as transformações por que passam as culturas, seja movidas por suas forças internas, seja em consequência desses contatos e conflitos, mais frequentemente por ambos os motivos. Por isso, ao discutirmos sobre cultura temos sempre em mente a humanidade em toda a sua riqueza e multiplicidade de formas de existência. São complexas as realidades dos agrupamentos humanos e as características que os unem e diferenciam, e a cultura as expressa. (SANTOS, 1987, p.7)

Fundamental antes de qualquer coisa é compreender a importância de como a realidade cultural se insere na vida dos indivíduos, pois para cada realidade cultural existe uma lógica interna e significativa, que molda e transforma o indivíduo, daí sua importância para a formação do sujeito.

Cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam. É preciso relacionar a variedade de procedimentos culturais com os contextos em que são produzidos. As variações nas formas de família, por exemplo, ou nas maneiras de habitar, de se vestir ou de distribuir os produtos do trabalho não são gratuitas. Fazem sentido para os agrupamentos humanos que as vivem, são resultado de sua história, relacionam-se com as condições materiais de sua existência. (SANTOS, 1987, p.8)

Assim compreendido podemos afirmar que o estudo através de expressões da cultura nos oferece ampla bagagem de saberes para as relações humanas e interações necessárias a compreensão do que seria respeito, dignidade, vida, mundo, ética, moral, estética, inter-relações, convivência, etc.

A riqueza de formas das culturas e suas relações falam bem de perto a cada um de nós, já que convidam a que nos vejamos como seres sociais, nos fazem pensar na natureza dos todos sociais de que fazemos parte, nos fazem indagar das razões da realidade social de que partilhamos e das forças que as mantêm e as transformam. Ao trazermos a discussão para tão perto de nós, a questão da cultura torna-se tanto mais concreta quanto adquire novos contornos. Saber se há uma realidade cultural comum à nossa sociedade torna-se uma questão importante. Do mesmo modo evidencia-se a necessidade de relacionar as manifestações e dimensões culturais com as diferentes classes e grupos que a constituem. (SANTOS, 1987, p.8)

Se as expressões culturais possuem toda esta dimensão de transformação e compreensão de mundo e devem ser trabalhadas em diversas classes e grupos que a constituem, que melhor lugar para sua introdução que a escola. Como nos coloca Barbosa (1989) “A Educação poderia ser o mais eficiente caminho para estimular a consciência cultural do indivíduo, começando pelo reconhecimento e apreciação da cultura local.”

Tentando permitir aos jovens práticas culturais que lhes deem vazão as suas ideias, pensamentos, escolhas, formando seus olhares e incentivando a crítica.

A cultura existe para que seja vista conhecida e apreciada como uma ferramenta de desenvolvimento de todo ser humano que por ela se interesse, para que isso ocorra, ela tem que ser levada e conhecida pelo maior número de indivíduos a que possa alcançar e não deve ser limitada a uma classe social única e preferencialmente que seja levada pela escola, local de disseminação cultural e de saberes. No que diz respeito à cultura local, pode-se constatar que apenas o nível erudito desta cultura é admitido na escola. As culturas de classes sociais baixas continuam a ser ignoradas pelas instituições educacionais, mesmo pelos que estão envolvidos na educação destas classes. Nós aprendemos com Paulo Freire a rejeitar a segregação cultural na educação. As décadas de luta para salvar os oprimidos da ignorância sobre eles próprios nos ensinaram que uma educação libertária terá sucesso só quando os participantes no processo educacional forem capazes de identificar seu ego cultural e se orgulharem dele. Isto não significa a defesa de guetos culturais ou negar às classes baixas o acesso à cultura erudita. Todas as classes têm o direito de acesso aos códigos da cultura erudita porque esses são os códigos dominantes - os códigos do poder. É necessário conhecê-los, ser versado neles, mas tais códigos continuarão

como um conhecimento exterior a não ser que o indivíduo tenha dominado as referências culturais da sua própria classe social, a porta de entrada para a assimilação do "outro". A mobilidade social depende da inter-relação entre os códigos culturais das diferentes classes sociais. (BARBOSA, 20??, p.2)

A cultura por muito tempo tem sido sinônimo de distinção entre as classes sociais. A dominação cultural por uma pequena parte da população, aquela mais abastada financeiramente reforça estas diferenças.

Desde que no século XVIII alguns intelectuais alemães passaram a chamar de *Kultur* a sua própria contribuição para a humanidade, em termos de maneiras de estar no mundo, de produzir e apreciar obras de arte e literatura, de pensar e organizar sistemas religiosos e filosóficos – especialmente todo aquele conjunto de coisas que eles consideravam superiores e que os diferenciava do resto do mundo –, a Cultura passou a ser escrita com letra maiúscula e no singular. Maiúscula porque era vista ocupando um status muito elevado; no singular porque era entendida como única. E se era elevada e única, foi logo tomada como modelo a ser atingido pelas outras sociedades. Veio daí, por exemplo, a diferenciação entre alta cultura e baixa cultura. Simplificando, a alta cultura passou a funcionar como um modelo – como a cultura daqueles homens cultivados que “já tinham chegado lá”, ao contrário da “baixa cultura” – a cultura daqueles menos cultivados e que, por isso, “ainda não tinham chegado lá”. (VEIGA-NETO, 2003, p.07)

Este tipo de transmissão de conhecimento que para as classes dominantes passou a ser contínuo e representativo de sua superioridade “intelectual” por vezes causa estranhamento em alunos das classes populares. Esta cultura que deveria em tese ser para todos, mas que acaba por representar e fomentar a divisão de classes.

[...] numerosos autores pretendem que as distâncias culturais entre as classes tendem a se reduzir. Contra as mitologias da homogeneização cultural que (entre outras coisas, e sem que se precise jamais a parte que cabe a um ou a outro fator) o enfraquecimento das diferenças econômicas e das barreiras de classe, por um lado, e a ação dos meios modernos de comunicação, por outro, determinam, a pesquisa científica mostra que o acesso às obras culturais permanece como privilégio das classes cultivadas. Assim, por exemplo, a frequência a museus (que- como se sabe- está fortemente ligada a todos os outros tipos de práticas culturais, assistência a concertos ou frequência a teatros) depende estreitamente do nível de instrução [...] (BOURDIEU, 2007, p. 59)

Como bem descrito acima por Bourdieu (2007), nos leva a percepção de que os jovens submetidos a esta riquíssima ferramenta de aprendizagem e de convívio social que são as expressões culturais lhes agrega uma leitura e assimilação de mundo muito mais ampla de nossa sociedade atual.

Ter acesso à cultura através da arte e de outras expressões culturais e aos questionamentos que estas nos permitem, torna os jovens indivíduos aptos a questionar e

compreender as subjetividades do mundo que o cerca lhes fornecendo autonomia e em certo ponto segurança para tomar atitudes e decisões importantes no presente e futuro, e ainda reforça a autoestima e se compreender e não se estabelecer em uma ignorância imposta por falta de conhecimento.

Pensar a arte como patrimônio da humanidade, se faz necessário garantir o acesso desta humanidade a ela que geralmente é excluída e marginalizada pelo poder público, político e econômico se encontrando, portanto em uma posição que o torna impossibilitada de ter acesso aos bens culturais por fatores e questões associadas a problemas de estrutura social. Na medida, em que a classe popular por meio de iniciativas que visem a uma prática pedagógica com este fim, são levadas a construir um conceito de arte a partir de suas próprias impressões sem dúvida que estão exercitando a cidadania, característica de uma sociedade democrática. (SANTOS; BARROS, 2010, p.3)

Se as aquisições destes conhecimentos interferem na formação do indivíduo e fortalece ou modifica seus pensamentos e sua relação com o mundo a sua volta e sua capacidade de produzir e sintetizar o conhecimento, por que então não se utilizar desta ferramenta de forma constante nas escolas.

Assim, a melhor maneira de provar em que medida a realidade de uma sociedade “democrática” está de acordo com seus ideais não consistiria em medir as chances de acesso aos instrumentos institucionalizados de ascensão social e de salvação cultural que ela concede aos indivíduos das diferentes classes sociais? Somos levados, então, a reconhecer a “rigidez” extrema de uma ordem social que autoriza as classes sociais mais favorecidas a monopolizar a utilização da instituição escolar, detentora, como diz Max Weber, do monopólio da manipulação dos bens culturais e dos signos institucionais da salvação cultural. (BOURDIEU, 2007, p. 64)

As pessoas possuem a capacidade de incorporar o que lhes é sistematicamente apresentado e isto determina sua estrutura social influenciando seu modo de conviver, sentir, pensar e agir mesmo que de modo inconsciente, portanto, se incorporarmos ao dia a dia dos jovens noções novas e diferentes de aprendizagem tornando-as sistemáticas possivelmente teremos uma autonomia na criação de sua estrutura social e individual.

É fundamental para sua própria construção enquanto indivíduos inseridos na sociedade que nossos jovens das classes populares possam fazer suas escolhas de acordo com seu próprio arsenal de conhecimento e não tomarem decisões sob a ideologia imposta por outros. [...] não uma cultura vista apenas como evento cultural, e sim relacionada com cidadania, sustentabilidade, patrimônio cultural e outros campos. [...] inserindo as suas especificidades, de música, teatro ou outros campos, por exemplo, a questão do letramento. Em termos práticos, a ideia é que o letramento seja um eixo central nos projetos culturais, totalmente integrado às atividades e dinâmicas, seja na letra da música, no texto do teatro, na instrução para construir um instrumento. (SETÚBAL, 2011)

É primordial que façamos com que os conteúdos culturais cheguem a todas as crianças, não só competências profissionalizantes que os transformem em “trabalhadores perfeitos” para que possamos fazê-los compreender o mundo em que vivem em condições de igualdade com as pessoas mais “abastadas”. Gramsci (1981) assim se coloca pensando em uma solução para este problema:

A crise terá uma solução que, racionalmente, deveria seguir esta linha: escola única inicial de cultura geral, humanista, formativa, que equilibre equanimemente o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente, industrialmente) e o desenvolvimento das capacidades de trabalho intelectual. (GRAMSCI, 1981, p.118)

Ou seja, que a cultura e o trabalho ensinado a todos, independente de classe social, sejam para que todos os jovens desenvolvam suas capacidades intelectuais e de trabalho sem que haja nenhum tipo de discriminação devido a sua classe social.

E, sendo a escola local privilegiado que está direcionado à apropriação do conhecimento deveria em tese estar imediatamente ligada a cultura produzida e ser também, a responsável pela formação destes jovens, pois mesmo sendo local de disseminação do conhecimento não é única.

Hoje, no Brasil, há projetos conduzidos por inúmeras ONGs que são belíssimos e muito importantes no sentido de levar a crianças e jovens alternativas à indústria cultural e à grande mídia e de ampliar seu universo, por meio do resgate de tradições culturais que eles ouviram em suas casas ou que eles próprios vivenciaram, nos campos das artes plásticas, literatura, comunicação, teatro e música. (SETÚBAL, 2011)

Nos dias atuais, várias são as fontes em que se pode utilizar como forma de produção de conhecimento, porque então não nos utilizarmos das várias ferramentas ao dispor do professor para esta apropriação, muitas dessas ferramentas podem e devem ser levadas até a escola. “A abertura da escola à cultura de seu território, a escolha de uma grade curricular que valorize a pluralidade e a diversidade cultural local e o intercâmbio da escola com produções e produtores de cultura na sociedade são alguns caminhos para unir educação e cultura”. (SETÚBAL, 2011).

A cultura em suas várias expressões pode ser levada ao aluno dentro e fora da escola fazendo parte de seu cotidiano. Para que se possa avançar nesse processo, o papel dos educadores e da escola é fundamental.

Nesse sentido, a formação de pessoal qualificado a trabalhar com as várias expressões culturais dentro da escola, passa a ser prioritária para todos aqueles que querem promover a inclusão destas questões na educação. No entanto, essa preocupação está ainda muito pouco presente nesses processos, ainda que os espaços conquistados trabalhando-se com cultura na escola tenham sido ampliados, ainda é muito escasso.

O importante passa então a ser criarmos estes espaços e levarmos a todos os jovens a cultura, desde a local e simples, até a erudita para que possamos possibilitar a formação de jovens conscientes e críticos.

4.2. Arte.

A linguagem que a arte adquire na educação tem um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, cultural e sensível dos jovens. "... O ensino da arte é fator contribuinte na formação do cidadão sensível e responsável..." (STRAZZACAPPA, 2008, p.88).

A arte é entendida de diversas maneiras e enquanto conceito é algo muito amplo e complexo e não temos a pretensão de entrar em tão intrincada discussão.

Dizer o que seja a arte é coisa difícil. Um sem-número de tratados de estética debruçou-se sobre o problema, procurando situá-lo, procurando definir o conceito. Mas, se buscamos uma resposta clara e definitiva, decepçamos-nos: elas são divergentes, contraditórias, além de frequentemente se pretenderem exclusivas, propondo-se como solução única. Desse ponto de vista, a empresa é desencorajadora: o esteta francês Étienne Gilson, num livro notável, *Introdução às Artes do Belo*, diz que "não se pode ler uma história das filosofias da arte sem se sentir um desejo irresistível de ir fazer outra coisa", tantas e tão diferentes são as concepções sobre a natureza da arte. (COLI, 1995, p. 6)

Partiremos então do significado de arte para a educação. Segundo Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, Terceiro e Quarto Ciclos) para a Arte seria:

A área de Arte que se está delineando neste documento visa a destacar os aspectos essenciais da criação e percepção estética dos alunos e o modo de tratar a apropriação de conteúdos imprescindíveis para a cultura do cidadão contemporâneo. As oportunidades de aprendizagem de arte, dentro e fora da escola, mobilizam a expressão e a comunicação pessoal e ampliam a formação do estudante como

cidadão, principalmente por intensificar as relações dos indivíduos tanto com seu mundo interior como com o exterior.

O aluno desenvolve sua cultura de arte fazendo, conhecendo e apreciando produções artísticas, que são ações que integram o perceber, o pensar, o aprender, o recordar, o imaginar, o sentir, o expressar, o comunicar. A realização de trabalhos pessoais, assim como a apreciação de seus trabalhos, os dos colegas e a produção de artistas, se dá mediante a elaboração de idéias, sensações, hipóteses e esquemas pessoais que o aluno vai estruturando e transformando, ao interagir com os diversos conteúdos de arte manifestados nesse processo dialógico. (BRASIL, 1998, p.19)

A arte, então quando compreendido o texto destacado do PCN é capaz de modificar atitudes, pensamentos e comportamentos e incentivar o aprender. As pessoas juntam-se em torno da arte, formam um conjunto.

Uma das qualidades do ensino da arte na escola é a formação estética e o desenvolvimento da percepção e da sensibilidade por meio do conhecimento, da produção e do “prazer” que a arte apresenta aos jovens. Entretanto, a arte nunca foi vista como uma matéria/ disciplina a ser entendida como fonte de conhecimento.

A arte na escola já foi considerada matéria, disciplina, atividade, mas sempre mantida à margem das áreas curriculares tidas como mais “nobres”. Esse lugar menos privilegiado corresponde ao desconhecimento, em termos pedagógicos, de como se trabalhar o poder da imagem, do som, do movimento e da percepção estética como fontes de conhecimento. (BRASIL, 1998, p.26)

Muitas vezes a arte é tida como um “dom”, desenhar, escrever poemas ou músicas, etc., mas na realidade, podemos entendê-la como uma habilidade, como algo adquirido, conhecido e consolidado em forma de conhecimento, supõe-se então que tudo que se é adquirido pode então ser ensinado e aprendido.

No passado, entretanto, a obra-prima era aquela que coroava o aprendizado de um ofício, que testemunhava a competência de seu autor. Não se tratava de uma realização forçosamente inovadora, original, e era com frequência um produto utilitário, saído das mãos de um carpinteiro, ourives, tecelão. Os ofícios, exercidos em ateliês (isto acontece aproximadamente a partir do século XIV), constituíam um sistema não apenas de produção e de distribuição de objetos, mas também de ensino[...] (COLI, 1995, p.13-14)

Ou seja, no passado a idéia de obra-prima vinha de um aprendizado específico e o próprio ensino era tido como arte. É fato que a sociedade evoluiu e com ela seu conceito de arte, mas esta surge da idéia da produção de algo de forma bela e eterna.

Sendo assim, a própria legislação nos mostra a importância da inserção da arte como matéria a ser ensinada e compreendida pelos jovens, pois esta estimula o gosto pelas diversas expressões culturais promovendo o desenvolvimento estético e cognitivo.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996), que estabeleceu que: O ensino de Arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. (LDB, Art. 26, §2º)

As aulas ministradas através de expressões da arte prendem a atenção dos alunos, eles observam em silêncio, quando interagem com os colegas ou questionam é sempre sobre o que estão vendo e para uma maior assimilação do que está lhes sendo apresentado, seja filmes, músicas, textos literários ou vídeos de qualquer natureza permanecem fixados, encaixados, dentro de um mundo natural gerando e contribuindo para a inserção destes jovens na /com a escola.

[...] tornamos aqui matéria de discussão, a compreensão conceitual sobre a arte educação, os teóricos que a fundamentam como também os elementos inseridos na perspectiva da educação popular que contribui no pensar dos elementos constituintes da cultura e que estão presentes nos processos formativos e educativos na vida dos educando, que por meio do contato com a arte tornam-se capazes de desenvolver habilidades que contribuem num melhor relacionamento interpessoal nas organizações sociais em que estão inseridas. (SANTOS, BARROS, 2010, p.2)

“Lousa e giz” são hoje uma pequena parte deste mundo tecnológico e visual dos jovens, por isso é muito complicado para eles se aterem a somente esta ferramenta como forma de transmissão, copiar não faz sentido, para eles ouvir, ver imagens, assistir a vídeos e filmes, ouvir música é natural, diário, mesmo que venham de classes populares, hoje é assim que os jovens interagem, mesmo com o conhecimento.

Não nos aprofundaremos nas tecnologias, mas sim no desenvolvimento rápido e dinâmico dos jovens representantes desta era. A maioria deles, mesmo os de baixa renda não está inserida em um mundo culturalmente rico, mas está ligada a tecnologia existente de alguma forma, como celulares, tablets e computadores, então porque a exclusão do mundo da arte.

[...] a concepção de arte ultrapassa os limites estéticos e se apropria de outros espaços. Espaços políticos e de politização, que por meio da arte revelam seus conflitos, desejos e angústias. Embora o Teatro do Oprimido seja uma de suas técnicas mais difundidas mundialmente, esta linguagem é apenas uma delas em que a arte conquista espaço no intuito de formação e promoção à cidadania, outras linguagens adquirem espaço como as artes visuais, por exemplo, e etc. (SANTOS, BARROS, 2010, p.2)

A arte como transmissora de conhecimento atinge os alunos em um nível que os deixa relaxados para pensar no que está sendo transmitido e também produz reflexão e autonomia de pensamento.

Os jovens se identificam com a linguagem da arte é algo de seu cotidiano, que naturalmente os transforma e permite as trocas, é uma construção que eles desconhecem e a partir do momento que entram em contato com ela passa a ser conhecimento e identificação e isto faz diferença na assimilação de mundo, porém as escolas não proporcionam devidamente esta inserção do jovem ao mundo da arte.

Por sua vez, o ensino da arte em nossas escolas, continua sendo um problema que necessita ser urgentemente repensado, problematizado para possíveis soluções dos problemas detectados. Uma educação conteudista ou bancária, como Paulo Freire conceitua e que não proporciona a reflexão através de seus bens culturais, acaba impossibilitando a construção da autonomia dos sujeitos envolvidos nos processos educativos. (SANTOS, BARROS, 2010, p.8)

A Arte em suas várias expressões permite o reconhecimento e familiarização, a absorção dos temas e conteúdos torna-se mais abundante, os jovens se divertem e aprendem, trabalham com mais propriedade e observam melhor, contribuem mais com a aula, dialogam e expõe opiniões. A realidade cotidiana do mundo que conhecem é uma forte ferramenta cognitiva.

O sujeito educado através da arte que seja capaz de conquistar autonomia, criticidade frente às questões sociais que o cerca é capaz de promover a construção da sua identidade, á medida que entendemos que é por meio da arte que o agente transformador e socializador se manifestam. (SANTOS, BARROS, 2010, p.1)

O ensino da Arte enquanto disciplina mostra-se como um processo forte de construção do indivíduo, aumentando a capacidade de reflexão e diálogo e também, é uma ferramenta muito capaz e agradável para a formação dos jovens, porém ainda não é muito bem aproveitada.

[...] não é só incluindo arte no curriculum que a mágica de favorecer o crescimento individual e o comportamento de cidadão como construtor de sua própria nação acontece. Além de reservar um lugar para a arte no curriculum, o que está longe de ser realizado de fato, até mesmo pelos países desenvolvidos, é também necessário se preocupar como a arte é concebida e ensinada. Em minha experiência tenho visto as artes visuais sendo ensinadas principalmente como desenho geométrico, ainda seguindo a tradição positivista, ou a arte nas escolas sendo utilizada na comemoração de festas, na produção de presentes estereotipados para os dias das mães ou dos pais e, na melhor das hipóteses, apenas como livre expressão. A falta de preparação de pessoal para ensinar artes é um problema crucial, nos levando a confundir improvisação com criatividade. A anemia teórica domina a arte-educação que está fracassando na sua missão de favorecer o conhecimento nas e sobre artes visuais, organizado de forma a relacionar produção artística com apreciação estética e informação histórica. esta integração corresponde à epistemologia da arte. O conhecimento das artes tem lugar na interseção da experimentação, decodificação e informação. Nas artes visuais, estar apto a produzir uma imagem e ser capaz de ler uma imagem são duas habilidades inter-relacionadas. (BARBOSA, 1989, p. 3)

A arte é importante trabalho educativo. É necessária para a formação da personalidade do indivíduo, sua construção identitária e estimulação a inteligência. Neste processo de formação e percepção o jovem aperfeiçoa sua capacidade de moldar a percepção, a imaginação, a observação, o raciocínio e o trabalho coletivo.

É um trabalho árduo que deve ser feito por educadores que acreditam na arte como uma forma de conscientização e educação de jovens. O educador tem que querer acreditar e estar preparado para este trabalho que alcança tantos benefícios a aprendizagem dos jovens.

Sendo a escola o primeiro espaço formal onde se dá o desenvolvimento dos jovens, nada melhor que introduzir este contato com o mundo artístico e suas diferentes expressões: teatro, cinema, desenho, literatura, teatro, dança, música, museus, etc. dentro da escola.

Cabe a escola ainda, permitir transcender seus muros e ser a mediadora deste conhecimento artístico aos nossos jovens o que lhes permitiria uma construção cidadã e transformadora a que com a utilização da arte em seu curriculum se torna muito mais fácil dadas as facilidades que as expressões culturais se acercam e influenciam os jovens.

5. O TRABALHO REALIZADO NA ESCOLA.

Esta pesquisa situa-se no âmbito do projeto de extensão “Educação, Cultura e Inclusão Social”¹ que visa levar aos jovens de classes populares expressões culturais, artístico e de cunho social.

O projeto possibilitou aos jovens a apresentação de filmes, tais como “Eu e meu guarda-chuva”, “Pequenas histórias”, trabalhos com textos literários “A terra dos meninos pelados”, “A rua do alfabeto”, “Contos de enganar a morte”, quadros do artista Arcimbold, imagens do artista e fotógrafo inglês Carl Warner, visita ao museu do “Cata-vento” em São Paulo, e em conjunto com a escola participamos da visita ao museu da hidrelétrica do Corumbataí, ao museu da ferrovia em Santa Bárbara D’Oeste entre outros trabalhos.

Utilizamos ainda outras expressões culturais e visitas, como o cordel “A chegada de lampião no céu”, encenação em aula e xilogravura para os estudantes do ensino fundamental II de uma Escola Estadual da rede pública, como também a realização de uma oficina de dança e música com “maracatu”.

O acesso a opções culturais é fundamental para a formação humana e integra o chamado subsistema sociocultural que se compõe dos diversos recursos culturais que contribuem para a formação e que abrangem o acesso às bibliotecas, cinemas, museus, televisão, teatros, associações etc. Em países como Brasil esses recursos tendem a ser considerados artigos de luxo nas periferias, nas áreas rurais e até mesmo no centro das grandes cidades, restritos a uma pequena parcela de crianças e adolescentes. (ARAGÃO, et al, 2014, p.44)

Nosso trabalho realizou-se em uma sala de aula do 6º ano de uma Escola Estadual² na cidade de Rio Claro. A escola é o eixo central entre os bairros de onde se originam os alunos, em geral bairros pobres e periféricos, sujeitos a problemas sociais sérios.

O trabalho transcorreu durante dois anos, de maio de 2012 a agosto de 2014, estivemos com a maioria destes jovens no 6º e 7º anos, com vários diagnósticos desafiadores, como problemas de indisciplina, de aprendizagem e no geral falta de comprometimento e vontade de estar na escola.

¹ O projeto “Educação, Cultura e Inclusão Social” é realizado pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Rio Claro desde 2012 e continua em andamento.

² O nome da Escola foi omitido, bem como os nomes de professores, alunos, coordenadores e funcionários serão alterados em respeito ao direito de preservação de imagem.

Esta sala foi selecionada pela própria coordenadora pedagógica da instituição como sendo a que possuía sérios problemas de aprendizagem e de comportamento e que necessitava auxílio imediato.

Os trabalhos foram desenvolvidos em sala e fora dela com a colaboração das professoras titulares, já que ao longo dos trabalhos houve várias substituições de professoras durante o ano letivo e total apoio da coordenação e diretoria da escola.

Tendo em sala aproximadamente 18 a 25 alunos por aula³, com faixa etária entre 12 e 16 anos de classes populares, vivem nos bairros próximos da escola em sua maioria, gostam das mesmas músicas, filmes e roupas e tendo estudado quase sempre nas mesmas escolas da vizinhança desde o ensino fundamental I, já se conhecem e convivem há algum tempo juntos.

A juventude a que nos referimos é aquela que tem seu sentido mais comumente encontrado como a fase de transição entre a adolescência e a vida adulta, que assume diferentes significados como contexto histórico, social, econômico e cultural vigente, de acordo com sua construção social.

O que quero lembrar é muito simplesmente que a juventude e a velhice não são dadas mas construídas socialmente, na luta entre os jovens e os velhos. As relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas. Se comparássemos os jovens das diferentes fracções da classe dominante, por exemplo todos os alunos que entram na *École Normale*, na ENA, na X, etc., no mesmo ano veríamos que estes “jovens” Têm tanto mais os atributos do adulto, do velho, do nobre, do notável, etc., quanto mais próximos estão do pólo do poder. Quanto passamos dos intelectuais aos presidentes dos conselhos de administração, tudo o que faz efeito jovem, cabelos compridos, jeans, etc., desaparece. (BOURDIEU, 2003, p.152-153)

Estes dados nos permitiram um breve levantamento cultural do que seria a ideia de juventude entre eles e quais as expressões culturais mais comuns entre os jovens, já que se apresentam como um grupo heterogêneo com características semelhantes o que os constitui enquanto “micro-tribo”.

...falar de jovens é considerar formação de grupos heterogêneos, que foram denominados de “micro-tribos”, entendendo que se revestem de características comuns, tais como: sentimento, comportamento ético e forma de comunicação. A escolha e adequação por uma determinada tribo coincide com a integração específica a um grupo de pertencimento, que induz ao exclusivismo, gerando a formação de uma matriz de identidade com suas características visíveis e reconhecíveis. Nas “tribos”, os jovens ancoram-se na segurança do grupo, assim como adota para si os

³ Aproximadamente, pois existe uma grande rotatividade de alunos, com entradas e saídas durante todos os anos letivos, as aulas giravam em torno de 18- 25 alunos, com 30 a 32 alunos inscritos.

deveres, os códigos de honra e as obrigações determinadas pela própria tribo. (MAFFESOLI, 2000).

Os jovens possuíam problemas na escrita, leitura e interpretação de texto, alguns inclusive não sabiam ler e escrever, dificultando no aprendizado de todas as disciplinas.

Apesar de inicialmente apresentarem certa agressividade, este foi um dos primeiros problemas a ser minimizado com os trabalhos do projeto, graças a construção da noção de coletivo, aos pouco se foi montando a ideia de grupo, comunidade.

Pesquisadora- Você acha que melhorou o relacionamento com o pessoal da classe?
Aluna AD- Melhorou, antes era só xingação e brigaiada, agora não. A gente até fica mais junto e nem se falava antes. (Relato de aula, 14.06. 2013)

A formação de tribos vai de encontro a um processo de desindividualização regida por uma “comunidade emocional”, que é aberta, instável e propensa à moral dominante. Existe um conformismo dos integrantes que se mostram fiéis às regras do grupo. Esta ética grupal ancora- se no imaginário coletivo e constrói assim um ideal comunitário de coesão. (MAFFESOLI, 2000).

Os jovens pesquisados e com o qual desenvolvemos o projeto, são pessoas oriundas de classes populares que tiveram pouco ou nenhum acesso a culturas “eruditas”, convivem mais com músicas do tipo “funk”, “pagode sertanejo” e “músicas de novelas”, poucos dos jovens pesquisados ouvem outros tipos de músicas ou assistem filmes, mesmo na televisão, foram uma ou duas vezes no cinema, pois nem sempre sobra dinheiro, assistem mais a televisão e seus programas, os favoritos são desenhos animados, novelas e programas de auditório, apenas sete deles já haviam ido ao teatro uma vez e todos haviam saído em excursão com a escola, por isso tinham estado em um museu, mas nenhum deles fez esta visita sem o acompanhamento escolar⁴, seus pais não possuem capital financeiro e cultural para a compreensão da importância deste tipo de formação.

Em resumo, no caso das classes populares, o investimento no mercado escolar tenderia a oferecer um retorno baixo, incerto e a longo prazo. Diante disso, esse grupo social tenderia a adotar o que Bourdieu chama de “liberalismo” em relação à educação dos filhos. A vida escolar dos filhos não seria acompanhada de modo muito sistemático e nem haveria uma cobrança intensiva em relação ao sucesso escolar. As aspirações escolares desse grupo seriam moderadas. Esperar-se-ia dos filhos que eles estudassem apenas o suficiente para se manter (o que, normalmente, dada a inflação de títulos, já significa, de qualquer forma, alcançar uma escolarização superior à dos pais) ou se elevar ligeiramente em relação ao nível socioeconômico dos pais. Essas famílias tenderiam, assim, a privilegiar as carreiras escolares mais curtas, que dão acesso mais rapidamente à inserção profissional. Um investimento numa carreira mais longa só seria feito nos casos em que a criança apresentasse, precocemente, resultados escolares excepcionalmente positivos,

⁴ Os dados em questão foram retirados do levantamento sócio cultural realizado no início do projeto.

capazes de justificar a aposta arriscada no investimento escolar. (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2002, p.24)

Passado o período de adaptação com os alunos, o que nos tomou algum tempo e sendo as aulas iniciais na disciplina de arte os próprios alunos questionaram sobre a relação do que fazíamos com a seriedade dos resultados, muitas foram as insinuações de que o que fazíamos, não era aula, estávamos “matando” aula. Os alunos sempre participavam e se divertiam, perguntando, falando, trazendo novas ideias, mas para eles disciplinas como arte e educação física são para relaxar e brincar, não são levadas a sério.

Aluno LM- Ah, fessora, isso não é aula. Isso é para matar a aula. O que eu vô aprender com um filme, já vi um monte?

Pesquisadora- Não sei me diga você? O que você aprendeu?

Aluno LM- Sei lá, só acho que isso não é aula, pelo menos nunca vi uma assim. (Relato de aula, 30.05.2012)

De maio a dezembro de 2012, fizemos vários trabalhos com os alunos, um muito importante foi o a encenação de um teatro dentro de sala de aula com o tema “Educação na Escola” de onde os alunos puderam se conscientizar de como a arte e cultura são importantes para o aprendizado, que eles iriam aprender mais se dessem uma chance ao que estávamos realizando.

Aos poucos os alunos tiveram a percepção de que aprendiam realmente mais e de forma divertida e que eles possuíam voz para expor suas opiniões.

Ao trabalharmos de uma forma diferente, os alunos sentiam-se mais livres para expressar suas opiniões, passaram a ter a certeza que não julgaríamos seus gostos culturais, mas que trabalharíamos com eles e além deles agregaríamos novos conhecimentos ao seu cotidiano.

No dia 02.10.2012 em conjunto com a escola levamos os alunos ao museu da Hidrelétrica do Corumbataí, onde os jovens tiveram contato com as formas de produção de energia, desde os modos antigos, até os mais modernos e como é feito o fornecimento de energia para as cidades um dos alunos fez o seguinte comentário:

Aluno A- Nunca pensei que a água fosse tão forte, psôra, é ela que faz a energia! Na aula de geografia não parecia assim.

(Relato de aula, 04.10.2012)

Com o projeto fizemos algumas alterações, passamos a trabalhar com as professoras da disciplina de língua portuguesa, pois o trabalho apresenta um grande potencial para alfabetização, mesmo não sendo nosso núcleo central é sem dúvida um diferencial importante para a alfabetização e letramento.

No desenvolvimento do projeto, foi utilizada a “Pedagogia de Projetos”, uma vez que sem um formato preestabelecido, as atividades eram planejadas e replanejadas a partir do perfil e das necessidades dos alunos, do tempo e do espaço que existia para trabalhar. Foi nesse momento que houve a necessidade de trabalhar com a leitura e com escrita, como condição *sine qua non* para o desenvolvimento das atividades nucleares do projeto. (ARAGÃO, et al, 2014, p.46)

Um segundo motivo para a mudança de disciplina, foi também para que a credibilidade do projeto fosse levada aos alunos, que eles percebessem a importância do que fazíamos e que era disciplina “importante” para eles, desmistificando o ideal criado que arte não é matéria a ser ministrada na escola, mas ferramenta importante de conhecimento e desenvolvimento da aprendizagem, tanto ou mais que disciplinas como língua portuguesa e matemática. Segundo Santos e Barros (2010), “Infelizmente, o ensino da arte é tido como uma disciplina menor, e em sua maioria os professores que nela atuam, o fazem apenas como complemento de carga horária”.

Nossos alunos, não são apresentados às linguagens artísticas coerentemente. O conceito sobre as artes encontra-se distorcido dentro dos espaços educativos. A formação destes educando, por vezes estão atrelados aos interesses econômicos vigentes, que é a de formação de mão obra especializada ou não, já que este último proporciona baixos salários e maior rendimento/lucro para o mercado. Formá-los artística e culturalmente não são prioridades. Embora, esta discussão em muito tenha avançado, os parâmetros curriculares nacionais para o ensino da arte abordam a questão de como deveria ser trabalhado em sala de aula, mas percebemos que os professores desconhecem o conteúdo presente nos PCN’s revelando que a leitura que deveria ser obrigatória a todos os professores, de fato não acontece. (SANTOS, BARROS, 2010, p. 8)

O projeto desenvolve a autonomia de pensamento, percepção e compreensão de mundo. Os alunos começaram a ter uma observação ampliada, o educador passa então a ser o mediador e o estimulador deste conhecimento recém-descoberto. Para Aragão, et al (2014) “O aluno precisa entender o porquê de aprender determinadas matérias, não se pode simplesmente impor o conhecimento; é preciso que aja o conhecimento e cognição elaborados e desenvolvidos em conjunto com esse indivíduo de pensamento rápido”.

Ao longo do trabalho que foi desenvolvido de uma forma dinâmica com apresentação de filmes, músicas, textos literários, sempre trabalhando com a colaboração por parte dos alunos, e muito diálogo sobre o realizado em sala de aula, nas visitas e na oficina, percebemos a interação dos alunos, passaram timidamente a colaborar com os trabalhos de aula, a “gostar” do que era desenvolvido por nós em conjunto e começaram a dialogar e expor opiniões.

Nós trabalhamos nesse ano com passeios a museus, textos, filmes e músicas. Não é verdade?

Aluna B- Sim, é legal.

Pesquisadora- E a nossa aula de português ensina?

Aluna B- A gente aprendeu até a fazer texto.

Aluno C- Não dá par ficar copiando, enche o saco, cê não aprende nada, cê aprende a vê como escreve a palavra, mas não o que ela diz. É assim que a gente aprende num monte de aula, mas a sua não.

Aluna D- Eu até aprendi a ler e escrever. Eu não sabia muito. Até entendo o que tá escrito. (Relato de aula, 14.06.2013)

Buscamos ao longo do trabalho trazer materiais pedagógicos que fossem bastante visuais, dinâmicos e lúdicos levando sempre que possível um filme, fotos de quadros e imagens em geral que representam os textos trabalhados, eram também aulas pautadas no diálogo, fizemos oficina de maracatu, visitamos alguns museus, trabalhamos textos literários ricos e apresentamos filmes que estimulavam os alunos a quererem saber mais sobre os assuntos mostrados nestes trabalhos.

Este material nos permitiu uma interdisciplinaridade e um trabalho agradável para os jovens, segundo Labrunie (2004) “[...] o virtual é imensamente maior que o real e perpassa a escola e a sociedade em toda a sua extensão”. O virtual está nos livros, nos textos, nas falas dos professores, na economia, nos corpos, no trabalho; ele é quase onipresente.

Quando um professor entra em sala de aula, ele carrega um conhecimento que é externo à situação presencial e que deve ser oferecido aos alunos. Ele vem com a proposta de levar esses estudantes a uma jornada virtual ao passado, ao mundo das fórmulas, das ciências, das línguas estrangeiras, enfim, ao mundo da experiência humana entendida como cultura. Ele é um mediador entre esse conhecimento virtual e os alunos. (LABRUNIE, 2004, p.38)

Os jovens do projeto chegaram a escola carentes de muitos dos conhecimentos culturais que são descritos como de origem familiar, por ser estes oriundos de família sem as condições financeiras necessárias para prover estes tipos de expressões culturais, mesmo as mais singelas como assistir a um filme no cinema, alguns lá estiveram uma ou duas vezes no máximo.

Pensar a arte como patrimônio da humanidade, se faz necessário garantir o acesso desta humanidade a ela que geralmente é excluída e marginalizada pelo poder público, político e econômico se encontrando, portanto em uma posição que o torna impossibilitada de ter acesso aos bens culturais por fatores e questões associadas a problemas de estrutura social. Na medida, em que a classe popular por meio de iniciativas que visem a uma prática pedagógica com este fim, são levadas a construir um conceito de arte a partir de suas próprias impressões sem dúvida que estão exercitando a cidadania, característica de uma sociedade democrática. (SANTOS, BARROS, 2010, p. 3)

Através de diálogos e relatos dos alunos foi possível verificar com ênfase a melhora na convivência entre os jovens, que muitas vezes apenas o que querem é ter suas opiniões ouvidas e respeitadas. A convivência em sala de aula com estes jovens é uma construção lenta e contínua, sempre respeitando suas opiniões, é preciso deixa-los ter liberdade de expressão.

Aluno E- Eu aprendi que quando um fala cê tem que espera pra fala.

Aluna F- Que quando nós não gostamos de alguma coisa, nós não tem que guarda pra mim mesma ou ficar falando pro amigo, a gente tem que chegar e falar pro professor.

Aluna F- Quem tá na escola é pra estuda, E quem tá pra zoa tem que ir embora.

Aluno C- Você não grita, ouve a gente, mas tem professor que grita e manda a gente cupiá e se não fizer manda a gente pra diretoria, sem nem ouvi.

(Relato de aula, 14.06.2013)

Saber ouvir os alunos é fundamental, eles são fontes inesgotáveis de trabalhos ricos em conteúdo e imaginação. A troca com eles os estimula a buscar, a conhecer trazendo com isso respostas positivas em relação à assimilação do conhecimento.

Dar-lhes voz, respeito e responsabilidades dentro de sala de aula provoca um crescimento interno, eles sentem-se responsáveis pelo seu próprio aprendizado o que se concretiza em autoestima e conhecimento, bem como mudança de comportamento e atitudes.

Para superar esse modelo sedimentado, talvez seja necessário que a escola incentive a inclusão e a participação dos jovens em seus projetos, ao mesmo tempo em que o diálogo e a reflexão sejam objetos de ensino e de aprendizagem, pois o “conhecimento escolar deveria refletir as demandas dos jovens, com programas de estudo que os vinculem às suas comunidades e à realidade em que vivem”. (TOMAZETTI, et al., 2011, p.82)

Assim sendo, para os jovens bens culturais tais como o cinema, a música, a arte em geral, constituem fontes valiosas como auxiliar a formação educacional. Cabe aos profissionais da educação valer- se de toda a versatilidade que tais bens possam fornecer, utilizando- se dessas fontes.

O projeto tem a pretensão de dar outra dinâmica na formação desses adolescentes, complementando à sua educação formal, oportunidades de desenvolvimento a partir da aquisição de bens culturais, geralmente acessíveis apenas a crianças e adolescentes de famílias de nível socioeconômico mais alto. Além dos beneficiados diretos (os alunos), o projeto beneficia a família e a sociedade, na medida em que contribui para a formação de cidadãos mais críticos e autônomos. (ARAGÃO, et al, 2014, p.53)

Os jovens pesquisados ao longo destes anos apresentavam primariamente uma atitude agressiva que com o decorrer dos trabalhos desenvolvidos pudemos perceber ser nada mais

que uma forma de autopreservação contra as agressões que lhes são impostas diariamente pela sociedade e por sua classe social.

Juntamente com a agressividade apresentavam um quadro de baixa estima, muitas vezes por sentirem-se inferiores a outros alunos na escrita e na leitura, pois não compreendiam as palavras, textos e contextos e reagiam de forma agressiva para camuflarem este sentimento de baixa estima.

Quanto a autoestima, percebe-se que os alunos criaram vínculos com a escola e com o projeto, avançaram não só em habilidades de leitura e escrita, mas ainda participam de outros projetos da escola, como apresentação de dança, por exemplo, que requer habilidades de coordenação, atenção e atividades rítmicas que contemplem diferentes sentidos e intencionalidades. (Relato da Coordenação da escola, 24.03.2014)

São jovens que em sua maioria não tiveram muitas oportunidades de serem instruídos corretamente ao longo de sua vida, tanto pela família como pela escola.

O fato de estes jovens serem de classe popular não deveria ser o limitador para que não recebam a melhor instrução que nosso sistema escolar possa lhes fornecer, a educação é direito de todos e como tal deveria prover a todos de conhecimento em igualdade de condições.

No que se refere às atividades oferecidas pela escola que se diferenciem do padrão das aulas tradicionais, as atividades que mais se destacam são debates, excursões, filmes e visitas a museus. Entretanto, um percentual de 94,32% de jovens indica que sua escola não oferta atividades dessa natureza. (TOMAZETTI, et al., 2011, p.84)

Como desenvolver atividades que consideramos “multietárias” (muitas idades e compreensões diferentes), multiculturais para idades diferentes, interesses similares, porém diversos, culturas diferenciadas, personalidades em formação ainda com grande egocentrismo.

A cultura, a arte e as suas múltiplas expressões culturais nos possibilita ferramentas que auxiliam a formar um sujeito educado, capaz de desenvolver um relacionamento interpessoal completo possibilitando o trabalho com várias idades, múltiplas personalidades e culturas diversas.

Pensar a arte educação requer considerar um elemento importante para a sua compreensão: o sujeito educado através da arte que seja capaz de conquistar autonomia, criticidade frente às questões sociais que o cerca e capaz de promover a construção da sua identidade, á medida que entendemos que é por meio da arte que o agente transformador e socializador se manifestam. Deste modo, atribuir responsabilidade a arte educação entendida no contexto de um espaço escolar é compreender o seu verdadeiro papel na medida em que consideramos que “... *O ensino da arte é fator contribuinte na formação do cidadão sensível e responsável...*” (STRAZZACAPPA, 2008, p.88). Desta forma, tornamos

aqui matéria de discussão, a compreensão conceitual sobre a arte educação, os teóricos que a fundamentam como também os elementos inseridos na perspectiva da educação popular que contribui no pensar dos elementos constituintes da cultura e que estão presentes nos processos formativos e educativos na vida dos educando, que por meio do contato com a arte tornam-se capazes de desenvolver habilidades que contribuem num melhor relacionamento interpessoal nas organizações sociais em que estão inseridas. (SANTOS, BARROS, 2010, p.1-2)

Estarmos com estes jovens é um aprendizado constante. Sensibilidade e respeito são fundamentais para trabalhar com eles, mais rápidos e agressivos que os de outras épocas, esta “agressividade” não é ruim, a sociedade atual é agressiva, por que estes jovens seriam diferentes do próprio padrão estabelecido pela sociedade capitalista.

Esta “agressividade” deve ser vista como dinamicidade e deveria ser direcionada de forma correta para a própria construção de uma nova forma de aprendizado através de uma cultura do novo que vem com o conhecimento que este jovens trazem de suas realidades cotidianas.

[...] como as culturas juvenis são reconhecidas e incluídas no e pelo projeto das escolas. São recorrentes afirmações acerca de como a cultura escolar, ao longo do tempo, cristalizou valores, discursos e normas expressadas em seus currículos, cujas práticas foram pautadas na homogeneidade, sistematização, continuidade, coerência, ordem e, conseqüentemente, não-abertura de espaço para as culturas do novo de que jovens alunos são portadores. Constatar isso, todavia, não é suficiente. Em outras palavras, faz-se necessário pensar em um ensino capaz de incorporar a vida dos jovens nas práticas escolares e, assim, amenizar situações como a desmotivação.(TOMAZETTI, et al., 2011, p.84).

Desde o início do projeto, as respostas têm se mostrado promissoras, e a melhora dos alunos apesar de ser um caminho árduo e lento, nos tem deixados satisfeitos e buscando utilizar mais as expressões culturais que estão a nossa disposição, pois com elas os jovens mostraram-se abertos e cada dia mais curiosos e buscando um pouco mais os saberes que a escola e sociedade podem lhes proporcionar.

Nosso projeto busca em longo prazo que os jovens possam ter uma compreensão maior do mundo e da sociedade em que vivemos, pois este conhecimento abre precedentes para formação de uma população mais educada em sentido amplo, pois esta provoca uma clareza de pensamentos e atitudes sendo um poderoso instrumento de libertação.

É sem dúvida toda uma construção em longo prazo, árdua e de caminhos lentos para a formação do conhecimento através de uma ferramenta que eles raramente têm acesso, que são os bens culturais. E, através destes bens adquiridos formarmos cidadãos mais críticos e que compreendam melhor o mundo em que vivem, para que vivam e compreendam melhor o mundo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O objetivo deste trabalho foi de verificar se o oferecimento de bens culturais, tais como textos literários, filmes, músicas, oficinas, vídeos e museus, etc., auxiliaria na aquisição de conhecimento por parte dos alunos, oriundos das classes populares.

É um processo de longo prazo, árduo e que requer muita paciência, mas os resultados têm se mostrado promissores.

Os alunos avançaram em vários aspectos. No que se refere a autonomia, por exemplo, os alunos quando chegaram em 2012 eram incapazes de ler e responder a Avaliação Diagnóstica realizada pela escola e, hoje já resolvem muitas atividades e avaliações com maior autonomia, embora ainda apresentem dificuldades. (Relato da Coordenação da escola, 24.03.2014)

Nossa questão norteadora sempre foi o que as várias expressões culturais, tais como filmes, músicas, teatro, textos literários e visitas a museus são importantes ferramentas de aquisição de conhecimento e contribuem para a formação educacional e social dos jovens de classe popular.

Os bens culturais, acima citados (filmes, pinturas, teatro, música, cinema, museus, etc.), quando levados aos jovens das classes populares auxiliam na aquisição de conhecimentos, os jovens acabam por perceberem que aprender está próximo ao seu cotidiano, identificam-se com elas e também se divertem.

Esta é a resposta que procuramos tão incessantemente para motivar os jovens a irem a escola? Esta cultura faz a diferença na formação social e crítica do indivíduo?

Por essa razão, podemos afirmar que a importância da Arte na formação de crianças, jovens e adultos, na educação geral e escolar, está ligada à função indispensável que a arte ocupa na vida das pessoas e na sociedade desde os primórdios da civilização, o que a torna um dos fatores essenciais de humanização (Ferraz & Fusari, 1993:16). A importância do exercício da expressão artística não está apenas no desenvolvimento da criatividade que ela promove, ou no aprimoramento das formas de percepção por parte das pessoas: a Arte é relevante enquanto objeto de conhecimento que amplia a compreensão do homem a respeito de si mesmo e de sua interação com o mundo no qual vive. (TIBOLA, 2001, p.13)

A resposta a este questionamento é complexa, porém encontra caminho fértil e seguro na cultura, na arte e em suas expressões. Os alunos identificam-se com estas expressões culturais (cinema, música, texto, visitas a museus, etc.), encontram lógica no aprendizado, se familiarizam e aceitam com prazer uma educação mais “visual”.

Do Ponto de vista do jovem, parece que a dimensão simbólica tem sido a forma de comunicação mais presente nas atitudes e comportamentos através dos quais

parecem se posicionar diante do seu meio e da sociedade. A música, a dança, o corpo e seu visual tem sido os mediadores que articulam grupos que se agregam para dançar, “curtir o som”, trocar ideias, elaborar uma postura diante do mundo. Alguns deles com projetos de intervenção social. Cada qual com um visual próprio, numa mescla criativa de adereços, fazendo do corpo sua bandeira. Para muitos, esses grupos juvenis antecipam uma nova forma de estar no mundo, de novas relações sociais. (DYRELL, 1999, p. 26)

Escrever sobre educação e cultura, duas variantes sociais que naturalmente deveriam se completar é muito difícil. Tudo que se produz culturalmente em tese é ferramenta de assimilação de conhecimento, mas esta ferramenta não chega em iguais condições a todos os jovens de todas as camadas sociais.

Mas não é suficiente enunciar o fato da desigualdade diante da escola, é necessário descrever os mecanismos objetivos que determinam a eliminação contínua das crianças das classes mais desfavorecidas. Parece, com efeito, que a explicação sociológica pode esclarecer completamente as diferenças de êxito que se atribuem, mais frequentemente, às diferenças de dons. A ação do privilégio cultural só é percebida, na maior parte das vezes, sob suas formas mais grosseiras, isto é, como recomendações ou relações, ajuda no trabalho escolar ou ensino suplementar, informação sobre o sistema de ensino e as perspectivas profissionais. Na realidade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo **ethos**, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. A herança cultural, que difere, sob os dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas desiguais de êxito. (BOURDIEU, 2007, p.41-42)

Os jovens de baixa renda não têm acesso às mesmas oportunidades que os jovens de classe alta. Sendo a cultura forma de manutenção do status e indicativo de poder, quanto maior os bens culturais de origem familiar e quanto maior for o poder financeiro existente na família, maiores as chances do jovem conseguir um melhor aproveitamento escolar.

[...] a Cultura foi durante muito tempo pensada como única e universal. Única porque se referia àquilo que de melhor havia sido produzido; universal porque se referia à humanidade, um conceito totalizante, sem exterioridade. Assim, a Modernidade esteve por longo tempo mergulhada numa epistemologia monocultural. E, para dizer de uma forma bastante sintética, a educação era entendida como o caminho para o atingimento das formas mais elevadas da Cultura, tendo por modelo as conquistas já realizadas pelos grupos sociais mais educados e, por isso, mais cultos. (VEIGA-NETO, 2003, p.7)

Deste pensamento surgiu um questionamento: Porque os jovens não se interessam pelo conhecimento que a escola pode oferecer? Na realidade não é falta de interesse no que a

escola pode lhes oferecer, mas sim a falta de compreensão da estrutura escolar que lhes é imposta, a escola está rígida, distante dos interesses dos alunos, imutável e muito longe da realidade da juventude atual com quem tem que trabalhar, por isso ocorre um estranhamento entre jovem e escola.

A escola tradicional necessita atualizar sua forma de transmitir o conhecimento, pois esta não conhece mais nem o jovem com quem vêm interagindo, Dyrell (1999) assim se coloca: “E, paradoxalmente, nem a pesquisa educacional tem investido em conhecer melhor os adolescentes e jovens, enquanto sujeitos aos quais se destina a atividade educativa da escola”.

A educação da juventude, a sua relação com a escola, tem sido alvo de debates que tendem a cair numa visão apocalíptica sobre o fracasso da instituição escolar, com professores, alunos e suas famílias culpando-se mutuamente. Para a escola e seus profissionais, o problema situa-se na juventude, no seu pretensão individualismo de caráter hedonista e irresponsável, dentre outros adjetivos, que estaria gerando um desinteresse pela educação escolar. Para os jovens, a escola se mostra distante dos seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam à sua formação, tornando-se cada vez mais uma “obrigação” necessária, tendo em vista a necessidade dos diplomas. Parece que assistimos a uma crise da escola na sua relação com a juventude, com professores e jovens se perguntando a que ela se propõe. (DYRELL, 2007, p.1106)

O jovem considera a escola o pior lugar para se estar graças a imposição e inflexibilidade por parte da instituição. A escola em sua rigidez não abre caminhos para a construção do novo e do diálogo, encontra-se estática, anestesiada deveria permitir mais mobilidade e troca com a comunidade e principalmente com os jovens que passam a maior parte de suas vidas dentro dela.

[...] o problema não se reduz nem apenas aos jovens, nem apenas à escola, como as análises lineares tendem a conceber. Tenho como hipótese que as tensões e os desafios existentes na relação atual da juventude com a escola são expressões de mutações profundas que vêm ocorrendo na sociedade ocidental, que afetam diretamente as instituições e os processos de socialização das novas gerações, interferindo na produção social dos indivíduos, nos seus tempos e espaços. (DYRELL, 2007, p.1107)

Portanto, a escola não necessariamente tornou-se uma “ferramenta”, mas podemos intuir que a instituição em pesquisa é mantenedora da estrutura social, enquanto prevalecer está construção rígida, tradicionalista e inabalável, sem aceitar o novo e promover mudanças, pode se dizer que sustentará as desigualdades sociais vigentes.

Criar caminhos através dos bens culturais (filmes, vídeos, literatura, textos, desenhos, visitas a museus) abre infinitas possibilidades, cria vínculos próximos aos cotidianos dos

jovens, facilita diálogos e respostas mais claras a problemas nebulosos. Não questionamos a necessidade dos conteúdos ministrados nas aulas, mas podemos utilizar os bens culturais como facilitador para a transmissão destes conteúdos, como a apresentação de um filme para trabalhar a disciplina de história, quadros para se explicar a matemática, textos para a compreensão da língua portuguesa e sua interpretação. Um caminho construído com os alunos e respostas compiladas em conjunto com eles, onde o professor é um mediador ativo nesta empreitada e a escola a responsável pelo vínculo entre os jovens e a sociedade.

O viés adotado pelo sociólogo francês Forquin (1993) ao caracterizar a escola insere as relações e implicações da cultura na escola, mais especificamente no currículo escolar. Ele fala do papel social que a escola e o currículo sempre desempenharam na sociedade ocidental, lembrando que desde que a educação deixou de ser uma tarefa doméstica e passou a ser uma atividade em que a sociedade delega a alguns (os/as professores/as) o dever de ensinar saberes, muitas foram as divergências sobre o que ensinar e como ensinar. As preocupações deste autor em torno das implicações culturais no currículo são questões bem atuais na discussão contemporânea acerca do movimento da globalização cultural. (LABRUNIE, 2004, p.34)

Fazer parte concreta da construção do conhecimento feita pelos alunos através de novos estímulos pedagógicos, conhecimento elaborado e posto em prática para que os jovens criem seus próprios mecanismos de produção de conhecimento.

[...] o sujeito educado através da arte que seja capaz de conquistar autonomia, criticidade frente às questões sociais que o cerca e capaz de promover a construção da sua identidade, à medida que entendemos que é por meio da arte que o agente transformador e socializador se manifestam. (SANTOS, BARROS, 2010, p. 01)

Não acreditamos que o ser humano é uma “Tábula Rasa”, ele não é uma folha em branco, é sim inúmeras formas de conhecimento implantadas através de uma construção social, ou seja, do ambiente em que vive, das pessoas com quem convivi, da cultura que lhe é imposta ao longo de sua vida desde o nascimento, da música que ouve, dos textos que lê e da compreensão que tira deles, de como a sociedade o trata, de sua classe social e dos benefícios que recebe dela e mais qual a sua natureza pessoal.

[...] Bourdieu afirma, de modo radical, o caráter socialmente condicionado das atitudes e comportamentos individuais. O indivíduo, em Bourdieu, é um ator socialmente configurado em seus mínimos detalhes. Os gostos mais íntimos, as preferências, as aptidões, as posturas corporais, a entonação de voz, as aspirações relativas ao futuro profissional, tudo seria socialmente constituído. (NOGUEIRA, 2002, p. 19)

As interrogações que nortearam a pesquisa giravam ainda em torno do que fazer para melhorar a aprendizagem e a consciência de mundo dos alunos em relação à escola, e que conhecimentos a escola lhes oferece.

A resposta a que chegamos foi levar os bens culturais para sala de aula dentro das possibilidades da escola e em conjunto com ela, todo tipo de bens culturais de que pudemos dispor: filmes, músicas, textos literários, visitas a museus, entre outras.

Concluindo nosso pensamento, acreditamos ser esta uma das novas formas de chegarmos aos jovens e trazê-los para a escola. A partir do novo, da cultura e suas expressões, onde os jovens percebam a real função da educação que é a de ensinar a pensar e a dialogar com os colegas e professores, com o mundo, respeitando as opiniões diferentes, mas sabendo como defender seus pontos de vista com argumentos coerentes, bem fundamentados, críticos e porque não racionais.

Encontrar respostas para todas as perguntas, não, o importante é aprender a fazer as perguntas, e descobrir quais são os verdadeiros caminhos a serem trilhados, isto constrói uma população educada e tudo começa com os questionamentos na juventude.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ALVES, N. Cultura e cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação [online]**. Rio de Janeiro- RJ, 2003, n.23, pp. 62-74. maio/ago. Disponível em:
< <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a04.pdf>>. Acesso em 26.10.2012.

ALVES, Rubem. **A gestação do futuro**. Campinas-SP: Papirus, 1987.

ANDRADE, A.P.R.de. **O Uso das Tecnologias: Computador e Internet**. 2011. 22f. Monografia. Universidade de Brasília, Universidade Estadual de Goiás. Brasília-DF. 2011.

ARAGÃO, J. E. de O.S., et al. O direito à cultura e ao sucesso escolar: uma experiência de extensão universitária. In. CAMARGO, M.R.R.M.; et al (Org.). **Linguagens e Imagens: educação e políticas de subjetivação**. Petrópolis- RJ: De Petrus et Alii, 2014, p. 43-61.

BARBOSA, A. M. Arte, Educação e Cultura. **Domínio Público [online]**. São Paulo- SP, 1989. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/mre000079.pdf>>, acesso em 17.07.2014.

BOURDIEU, P. Escritos de Educação. (org.) Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

_____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro- RJ: Fim de Século, 2003.

BRASIL. **Emenda Constitucional n.º65, de 13 de Julho de 2010**. Altera a denominação do Capítulo VII do Título VIII da Constituição Federal e modifica o seu art. 227, para cuidar dos interesses da juventude. Diário Oficial [da] Republica Federativa do Brasil, 14 de julho de 2010. Brasília- DF.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. São Paulo-SP: Saraiva, 2001.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] Republica Federativa do Brasil, 21 de dezembro de 1996. Brasília- DF.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação. Arte. Livro 07. Básica: Brasília - DF, 1998.

CASTRO, M. G. & ABRAMOVAY, M. **Quebrando mitos: juventude, participação e políticas. Perfil, percepções e recomendações dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude**. Brasília- DF: RITLA, 2009.

COLI, J. **O que é Arte**. São Paulo- SP: Editora Brasiliense, 1995.

DAYRELL, J. (Org.). **Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura**. Belo Horizonte- MG: Editora UFMG, 2001.

_____. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Revista Educação e Sociedade [online]**., Campinas- SP, Vol. 28, n. 100. Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 20.09.2012.

_____. O rap e o funk na socialização da juventude. **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo- SP, v.28, n.1, p. 117-136, jan., 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100009&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 17.05. 2014.

_____. Pedagogia da juventude. **Revista Onda Jovem [online]**. São Paulo-SP, Edição n. 01, ago. 2011. Disponível em < <http://www.ondajovem.com.br/acervo/1>>. Acesso em 20.09.2013.

_____. Juventude, grupos de estilo e identidade. **Educação em Revista [online]**, Belo Horizonte- MG, n. 30, dez. 1999. Disponível em < <http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/n30/n30a04.pdf>>. Acesso em 20.09.2013.

DAYRELL, J.; REIS, J. Juventude Pobreza e Ações Sócio educativas no Brasil. **ANPED** (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), 30ª reunião anual, Caxambu- MG, out. 2007. Disponível em < <http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT03-2880--Int.pdf>>. Acesso em 20.09.2013.

FREITAS, M.V. de (Org.). Juventude e Adolescência no Brasil: referências conceituais. **Ação Educativa [online]**. São Paulo, 2004. Disponível em < <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05623.pdf>>. Acesso em 16.02.2014.

G1, População jovem de 15 a 29 anos terá maior pico em 2010, diz Ipea. **Revista G1 [online]**. São Paulo-SP, 2010. Disponível em :< <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,MUL1453899-5598,00-POPULACAO+JOVEM+DE+A+ANOS+TERA+MAIOR+PICO+EM+DIZ+IPEA.html>>. Acesso em 14/07/2014.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. São Paulo- SP: Círculo do Livro, 1981.

GROPPO, L. A. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro- RJ: DIFEL, 2000.

KLEIN, A. M.; PÁTARO, C. S. de O. A Escola Frente às Novas Demandas Sociais: Educação Comunitária e Formação para a Cidadania. **Revista Cordis [online]**., São Paulo- SP, n. 1, 2008. Disponível em < <http://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/issue/view/719>>. Acesso em 20.09.2013.

LABRUNIE, M.G.L. **Máquinas didatizadas: uma análise dos usos das tecnologias da comunicação e da informação na escola**. 2004. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro- RJ: Forense Universitária, 2000.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação. [online]**. Rio de Janeiro- RJ, 2003, n.23, pp. 156-168.

MOREIRA, J. O.; ROSÁRIO, A. B.; SANTOS, A. P. S. Juventude e adolescência: considerações preliminares. **Psico PUCRS**, Porto Alegre- RS, 2011, v. 42, n. 4, pp. 457-464, out./dez. 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/8943>>. Acesso em: 04.03.2014.

NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA, C. M. M. **Bourdieu & a Educação**. Belo Horizonte- MG: Autêntica, 2009.

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação e Sociedade [online]**. Campinas- SP, 2002, vol.23, n.78, pp. 15-35. Disponível em<<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302002000200003>>, acesso em 24.07.2014.

SANTOS, E .K. C dos; BARROS, A. M. Educação E Cultura: O Papel da Arte Educação Na Formação de Protagonismos Na Juventude Pernambucana. **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito de Caruaru [online]**. Caruaru-PE, 2010. Disponível em : < <http://www.ufpe.br/ppgdh/images/documentos/anamb5.pdf>>. Acesso em 16/07/2013.

SETÚBAL, M. A. Diálogos entre cultura e educação na escola. **Revista Educar para Crescer [online]**. São Paulo-SP, 2013. Disponível em :< <http://educarparacrescer.abril.com.br/gestao-escolar/dialogo-cultura-escola-499667.shtml>>. Acesso em 20/12/2013.

SILVA, C. R., LOPES, R. E. Adolescência e Juventude: Entre Conceitos e Políticas Públicas. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos- SP, 2009, v.17, n. 2, Jul-Dez, p 87-106. Disponível em: < <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/viewFile/100/65>>. Acesso em 14.07.2014.

STRAZZACAPPA, M. A arte do espetáculo vivo e a construção do conhecimento: vivência para aprender. In: FRITZEN, C. e MOREIRA, J. (org.) **Educação e arte: as linguagens artísticas na formação humana**. Campinas- SP: Papyrus, 2008.

TIBOLA, I.M. (Coordenação). **Arte, cultura, educação e trabalho**. Brasília- DF: Federação Nacional das APAEs. 2001.

TOMAZETTI, E.M. et al. Entre o “gostar” de estar na escola e a invisibilidade juvenil: um estudo sobre jovens estudantes de Santa Maria, RS. **Revista Educação [online]**. Santa Maria- RS , 2011, v. 36, n.01, pp. 79-94. jan/abr. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reveducacao/article/view/2913>>. Acesso em 26.10.2013.

VEIGA-NETO, A. Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação. [online]**. Rio de Janeiro- RJ , 2003, n.23, pp. 5-15. maio/ago. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a01.pdf>>. Acesso em 26.10.2012.